

Caderno de Resumos **2022**

**12^a JORNADA
DISCENTE**

**PPG
JORIS** **15**
ANOS

ISSN 2526-1231

Reitor

Irineu Manoel de Souza

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Werner Kraus Junior

Diretor do CCE

Fabio Luiz Lopes da Silva

Vice-Diretora do CCE

Marianne Rossi Stumpf

Chefe do Departamento de Jornalismo

Ildo Francisco Golfetto

Coordenadora do PPGJOR

Rita de Cássia Romeiro Paulino

Subcoordenadora do PPGJOR

Stefanie Carlan da Silveira



Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)

Campus Universitário, Trindade

CEP 88040-980 - Florianópolis - SC

+55 (48) 3721-9463 - www.ppgjor.posgrad.ufsc.br



12^a JORNADA DISCENTE

PPGJOR | UFSC | 2022

COMISSÃO ORGANIZADORA

Coordenação Geral:

Ediane Barbosa Oliveira
Leopoldo Pedro Neto
Rita de Cássia Romeiro Paulino
Stefanie Carlan da Silveira

Comissões:

Programação: Leticia Ferreira Bueno (presidente)

Wagner Rodrigo Arratia Concha (vice-presidente) . Gabriela Cavalcanti Carneiro de Almeida . Jessica Gustafson Costa . Luis David Falcão Padilha . Lynara Ojeda de Souza Marisvaldo Silva Lima . Raphaelle Christine Batista de Lima . Tatiane Karina Barbosa de Queiroz

Caderno de resumos: Kalianny Bezerra de Medeiros (presidente)

Ivone Ananias dos Santos Rocha . Lauriano Atilio Benazzi . Leoní Teresinha Vieira Serpa Luiz Henrique Zart . Natália Huf . Natália Paris Rodrigues . Paulo Roberto Santhias

Identidade visual: Caroline Westerkamp Costa (presidente) . Cesar Orlando Valente Jéssica Weirich . Sebastião Clovis Brito do Nascimento Junior . William Castro Morais

Certificados: Lauriano Benazzi (presidente) . Douglas Gomes (vice-presidente) Barbara Maria Popadiuk . Eduarda Pereira . Vitória Peraça Ferreira

Divulgação: Anderson Luiz Condor Baltar (presidente)

Arnaldo Zimmermann . Dairan Mathias Paul . João Victor Gobbi Cassol Juliana Freire Bezerra . Thais Araujo de Freitas

Logística: Renatha Maria Giordani (presidente) . Diana Mannes Koch Laura Rayssa de Andrade Cabral . Lucas Santos Carmo Cabral

Cerimonial: Raphaela Xavier de Oliveira Ferro (presidente) Maria Clara Guimarães da Costa Moura . Nadia Atalia Zavala

Fotografia: Jhenni Suelen Costa Quaresma (presidente) . Andressa Kikuti . Helena Brandt Corrêa de Oliveira . Karla Quint . Lia Gabriela Pagoto . Matheus Lobo Pismel . Rafael Venuto

CADERNO DE RESUMOS

Projeto gráfico e diagramação:

Lauriano Benazzi (redesign sobre projeto original de Frederico S. M. de Carvalho)

Capa: Lauriano Benazzi - intervenção sobre imagens Shutterstock® e Dreamstime®

Logotipo dos 15 anos do PPGJOR: Ana Marta M. Flores

Revisão final:

Kalianny Bezerra de Medeiros
Ivone Ananias dos Santos Rocha
Luiz Henrique Zart
Natália Huf
Lauriano Benazzi

Caderno de
Resumos

2022

ISSN 2526-1231



PROGRAMAÇÃO	8
APRESENTAÇÃO	16
SESSÕES TEMÁTICAS	18

RESUMOS

1. GÊNERO E JORNALISMO FEMINISTA	20
2. PROFISSÃO	30
3. TERRITÓRIO, RAÇA E ETNIA	42
4. TEORIAS E HISTÓRIA DO JORNALISMO	55
5. JORNALISMO EM SITUAÇÕES DE CRISE	69
6. POLÍTICA E CIDADANIA	82
7. AUDIOVISUAL	95

PPG
JOR 15
ANOS

2022

PROGRAMAÇÃO

PALESTRA DE ABERTURA

Letícia Cesarino

**O Mundo do Avesso:
verdade e política
na era digital**

Cientista social e antropóloga.
Professora adjunta no Departamento
de Antropologia e no Programa de
Pós-Graduação em Antropologia Social
(PPGAS) da Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC)

21 de novembro | 9h às 11h

Mediação: **Prof. Rogério Christofoletti**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)
Auditório do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH-UFSC)

PALESTRA **Fabiana Moraes**

A pauta é uma arma de combate:
prática reflexiva e posicionamento para superar um
jornalismo que desumaniza

Jornalista e
doutora em sociologia.
Professora adjunta na
Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE),
Núcleo de Design e
Comunicação

22 de novembro | 13h30

Mediação: **Prof. Jorge Kanehide Ijuim**

Professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR)
Auditório Henrique Fontes
Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

MESA 1

GÊNERO E JORNALISMO FEMINISTA

22 de novembro | 9h às 12h

Mediação: **Profa. Melina de la Barrera Ayres**

Auditório Henrique Fontes

Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

Helena Brandt Corrêa de Oliveira | Mestrado

Brasil Mulher e Nós Mulheres: as práticas da imprensa feminista no período ditatorial

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro | Doutorado

Para que elas gritem gol: narração de transmissões de futebol por mulheres

Thais Araujo de Freitas | Doutorado

O potencial aleijador do jornalismo nas representações de mulheres com deficiência

MESA 2

PROFISSÃO

23 de novembro | 9h às 13h

Mediação: **Prof. Rogério Christofolletti**

Sala Drummond

Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

Cesar Orlando Valente | Mestrado

O perfil profissional de jornalistas catarinenses

João Victor Gobbi Cassol | Mestrado

O perfil dos jornalistas gaúchos: vida e trabalho em um cenário de precariedade

Juliana Gomes | Doutorado

Radiojornalismo na visão de repórteres em tempos de produção multiplataforma

Leopoldo Pedro Neto | Doutorado

O condicionamento dos capitais nas trajetórias de jornalistas brasileiros

MESA 3

TERRITÓRIO, RAÇA E ETNIA

24 de novembro | 9h às 13h

Mediação: **Profa. Daiane Bertasso Ribeiro** e
Profa. Isabel Colucci Coelho

Auditório Elke Hering - Biblioteca Universitária (BU-UFSC)

Ediane Barbosa Oliveira | Doutorado

Jornalismo e racismo no Brasil contemporâneo: tensionamentos e insurgências

Leticia Ferreira Bueno | Mestrado

Análise de notícias veiculadas na *Folha de S.Paulo* sobre o Marco Temporal imposto a terras indígenas

Marisvaldo Silva Lima | Doutorado

Redes comunitárias de comunicação no Quilombo Cajueiro (MA)

Tatiane K. Barbosa de Queiroz | Doutorado

O “outro” indígena: crítica à práxis jornalística a partir dos povos originários

MESA 4

TEORIAS E HISTÓRIA DO JORNALISMO

23 de novembro | 9h às 13h

Mediação: **Prof. Carlos Augusto Locatelli**

Auditório Elke Hering - Biblioteca Universitária (BU-UFSC)

Kalianny Bezerra de Medeiros | Doutorado

Adoção e utilização de recursos de transparência como estratégia jornalística

Lia Gabriela Pagoto | Doutorado

Tensionamentos entre plataformas e *agenda setting*: observações no Twitter

Matheus Lobo Pismel | Doutorado

Imprensa e samba na história: relações entre jornalistas e sambistas (1920-1970)

Natália Huf | Doutorado

Notícia ou “publi”? Conteúdo editorial pago e credibilidade jornalística

Raphaelle Batista | Doutorado

Ética e credibilidade: a percepção de jornalistas e públicos sobre práticas do jornalismo brasileiro

MESA 5

JORNALISMO EM SITUAÇÕES DE CRISE

21 de novembro | 14h às 18h

Mediação: **Prof. Jorge Kanehide Ijuim**

Auditório Henrique Fontes

Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

Jhenni Suelen Costa Quaresma | Mestrado

Intencionalidade fotográfica na cobertura fotojornalística do apagão no Amapá

Luiza Mylena Costa Silva | Doutorado

Tensionamentos no jornalismo científico após a pandemia de covid-19

Lynara Ojeda | Doutorado

Abordagem jornalística sobre direitos humanos de crianças durante a pandemia

Wagner Rodrigo Arratia Concha | Doutorado

Crise organizacional como acontecimento público: a cobertura de Brumadinho

MESA 6

POLÍTICA E CIDADANIA

24 de novembro | 9h às 13h

Mediação: **Profa. Janaíne Kronbauer dos Santos** e

Profa. Maria Terezinha da Silva

Auditório Henrique Fontes

Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

Douglas Barbosa Gomes | Mestrado

O uso do conteúdo gerado por usuários na mídia alternativa: efeitos da plataformização sobre o social

Ivone Ananias dos Santos Rocha | Doutorado

Jornalismo e a educação contribuindo na formação do sujeito

Matheus Costa | Mestrado

Algoritmos e humanos: a cobertura do portal *G1* das eleições municipais de 2020

Renatha Giordani | Mestrado

A comunicação no centro da campanha eleitoral para Presidência da República em 2022

MESA 7

AUDIOVISUAL

23 de novembro | 14h às 18h

Mediação: **Profa. Cárilda Emerim**

Sala Drummond

Centro de Comunicação e Expressão (CCE-UFSC)

Anderson Luiz Condor Baltar | Doutorado

A opinião na transmissão do desfile campeão do Carnaval 2022 pela *Rádio Tupi*

Felipe Buzzi | Mestrado

Registros do cotidiano rural na história do fotojornalismo

Gustavo Paulo Zonta | Doutorado

A escrita, a autoria e o Outro em projetos fotojornalísticos de longa duração

Lauriano Afílio Benazzi | Doutorado

Fotojornalismo e direitos humanos: conexões e interseções

Rafael Giovani Venuto | Doutorado

Processos de subjetivação em comunidade: a experiência com imagens jornalísticas

William Castro Morais | Doutorado

Amazônia Legal: o envolvimento da audiência em telejornais das regiões Norte e Nordeste

RODA DE CONVERSA COM INGRESSANTES E CONCLUINTES

21 de novembro | 18h30

Auditório Henrique Fontes (CCE-UFSC)

Andressa Kikuti | Doutorado

Trajetórias profissionais
de jornalistas no Brasil

Arnaldo Zimmermann | Doutorado

Reconfiguração da reportagem radiofônica
brasileira contemporânea

Barbara Maria Popadiuk | Mestrado

A cobertura jornalística com perspectiva
de gênero nas Eleições 2018

Caroline Westerkamp Costa | Mestrado

Entre memórias e experiências: o documentário
em TCCs de Jornalismo da UFSC de 1982 a 2021

Dairan Paul | Doutorado

Jornalismo como projeto de paixão,
jornalismo como projeto de precarização

Diana Mannes Koch | Mestrado

Agricultura familiar ou agronegócio? Uma
análise de notícias do Portal NSC (2017)

Eduarda Pereira | Mestrado

Representações sociais das mulheres
no *Diário Catarinense*

Gabriela Almeida | Doutorado

A crítica feminista de jornalismo
em teses e dissertações

Momento de trocas e construção coletiva entre os discentes do PPGJor. A roda de conversa consistiu em um espaço de diálogo, no qual os pesquisadores de mestrado e doutorado compartilharam com os demais colegas os desafios encontrados na trajetória de pesquisa, as inquietações e suas rotinas de trabalho.

Jessica Gustafson | Doutorado

Jornalistas em Aliança – a tecitura de uma
perspectiva de gênero transnacional

Juliana Freire Bezerra | Doutorado

O jornalismo profissional
das periferias e favelas brasileiras

Laura Cabral | Doutorado

Jornalismo Automatizado:
Inteligência Artificial nas redações das
organizações jornalísticas

Malena Wilbert | Doutorado

Quando uma de nós morre:
o feminicídio no portal *G1*

Natália Paris | Mestrado

Os graus de vigilância e lealdade do
jornalismo político brasileiro em 2020

Ricardo Luiz Aoki | Doutorado

Análise de distribuição de conteúdo em
grupos privados de WhatsApp em portais de
notícias do interior catarinense

Suelyn Cristina Carneiro da Luz | Doutorado

O jornalismo na construção
do agronegócio no Brasil

Vitória Peraça Ferreira | Mestrado

Consórcio de veículos de imprensa:
do combate à desinformação à recuperação
da credibilidade jornalística

PPGJOR

MESAS TEMÁTICAS DO PPGJOR

As mesas consistiram no encerramento da 12ª Jornada Discente e também da semana comemorativa dos 15 anos de fundação do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC).

O evento abordou a trajetória do PPGJOR e contou com a participação de professores que fizeram história nesses 15 anos. A mesa “A formação da pesquisa em jornalismo no Brasil e o pioneirismo do PPGJOR” foi mediada pelo professor Carlos Locatelli e contou com os painelistas: Eduardo Medistch, Jorge Ijuim, Mauro Silveira e Valci Zuculoto.

Na sequência, a mesa “Panorama atual da pesquisa no PPGJOR”, mediada pela professora Daiane Bertasso Ribeiro, contou com apresentação de Cárilda Emerim, Samuel Pantoja Lima e Maria Terezinha Silva, que apresentaram investigações desenvolvidas pelos grupos de pesquisa dos quais fazem parte.

15 ANOS

A formação da pesquisa em jornalismo no Brasil e o pioneirismo do PPGJOR

25 de novembro | 9h

Mediação: **Prof. Carlos Augusto Locatelli**

Auditório EFI-UFSC

Debatedores:

Prof. Eduardo Medistch ■

Prof. Jorge Ijuim ■

Prof. Mauro Silveira ■

Profa. Valci Zuculoto ■

Panorama atual da pesquisa no PPGJOR

25 de novembro | 11h

Mediação: **Profa. Daiane Bertasso**

Auditório EFI-UFSC

Debatedores:

■ **Profa. Cárilda Emerim**

■ **Profa. Maria Terezinha Silva**

■ **Prof. Samuel Pantoja Lima**

PPGJOR 15 ANOS 15

APRESENTAÇÃO

A 12ª Jornada Discente do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC) se apresentou em 2022 num cenário atípico em diversos aspectos. Com os efeitos positivos da vacinação – a contragosto da campanha negacionista da extrema-direita –, voltamos a ocupar espaços tão importantes para o diálogo e para a disputa, como as ruas, a universidade, os coletivos e os movimentos sociais. Em tempos sombrios, lidamos com o neoliberalismo fascista de um governo que representou o desmonte de instituições públicas, dentre elas a universidade, e cortou direitos conquistados por lutas históricas dos movimentos populares e sociais do país.

Apesar de tantos obstáculos, a 12ª Jornada Discente, realizada de forma presencial após dois anos pandêmicos, mostrou a pertinência da pesquisa como um empreendimento coletivo. Com um importante diálogo entre docentes e discentes da comunidade acadêmica do PPGJor, o evento se mostrou atualizado no debate público sobre a conjuntura política e comunicacional do Brasil, ao contar com as palestras: “Desinformação, política e verdade na era digital” e “A pauta como arma de combate”, respectivamente ministradas pelas pesquisadoras Letícia Cesarino e Fabiana Moraes.

TAÇÃO

Com uma programação integrada às comemorações de 15 anos do PPGJOR, a Jornada demonstrou a proximidade com a realidade concreta nacional ao debater como questões estruturais de raça, gênero e classe afetam a qualidade do trabalho jornalístico; a relação entre tecnologia, sociedade midiaticizada e jornalismo; assim como aspectos teóricos e históricos da profissão.

Juntos, socializamos, refletimos, aprendemos, discutimos nossas pesquisas e esperamos. Em um ano histórico, decisivo e marcante para o país, vivemos mais uma Jornada Discente com a certeza de que a pesquisa científica engajada e rigorosa pode ser uma arma de primeira grandeza nas disputas contra as opressões. Os pesquisadores e as pesquisadoras em jornalismo, nesse cenário, têm um papel importante ao lidar com desafios comunicacionais e culturais da contemporaneidade.

Desejamos uma excelente e reflexiva leitura do Caderno de Resumos que apresenta a potencialidade das pesquisas desta edição.

- Ediane Barbosa Oliveira
- Leopoldo Pedro Neto

SESSÕES TEMÁTICAS

Linha 1 ■ *Cultura e Sociedade*

Linha 2 ■ *Tecnologias, Linguagens e Inovação*

Linha 3 ■ *Conhecimento e Profissão*

GÊNERO E JORNALISMO FEMINISTA

ORIENTAÇÃO

- Helena Brandt Corrêa de Oliveira *Mestrado* Linha 1 Profa. Dra. Daiane Bertasso Ribeiro
- Raphaela Xavier de Oliveira Ferro *Doutorado* Linha 2 Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
- Thais Araujo de Freitas *Doutorado* Linha 1 Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva

2 PROFISSÃO

- Cesar Orlando Valente *Mestrado* Linha 3 Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
- João Victor Gobbi Cassol *Mestrado* Linha 3 Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
- Juliana Gomes *Doutorado* Linha 2 Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
- Leopoldo Pedro Neto *Doutorado* Linha 3 Prof. Dr. Jacques Mick

3 TERRITÓRIO, RAÇA E ETNIA

ORIENTAÇÃO

- Ediane Barbosa Oliveira *Doutorado* **Linha 1** Profa. Dra. Daiane Bertasso Ribeiro
- Leticia Ferreira Bueno *Mestrado* **Linha 1** Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim
- Marisvaldo Silva Lima *Doutorado* **Linha 1** Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli
- Tatiane K. Barbosa de Queiroz *Doutorado* **Linha 1** Prof. Jorge Kanehide Ijuim

4 TEORIAS E HISTÓRIA DO JORNALISMO

- Kalianny Bezerra de Medeiros *Doutorado* **Linha 3** Prof. Dr. Rogério Christofoletti
- Lia Gabriela Pagoto *Doutorado* **Linha 2** Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi
- Matheus Lobo Pismel *Doutorado* **Linha 1** Profa. Dra. Daisi Vogel
- Natália Huf *Doutorado* **Linha 3** Prof. Dr. Rogério Christofoletti
- Raphaelle Batista *Doutorado* **Linha 3** Prof. Dr. Rogério Christofoletti

5 JORNALISMO EM SITUAÇÕES DE CRISE

- Jhenni Suelen Costa Quaresma *Mestrado* **Linha 1** Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti
- Luiza Mylena Costa Silva *Doutorado* **Linha 3** Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
- Lynara Ojeda *Doutorado* **Linha 1** Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim
- Wagner Rodrigo Arratia Concha *Doutorado* **Linha 1** Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva

6 POLÍTICA E CIDADANIA

- Douglas Barbosa Gomes *Mestrado* **Linha 2** Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira
- Ivone Ananias dos Santos Rocha *Doutorado* **Linha 2** Profa. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino
- Matheus Costa *Mestrado* **Linha 2** Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira
- Renatha Giordani *Mestrado* **Linha 1** Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli

7 AUDIOVISUAL

- Anderson Luiz Condor Baltar *Mestrado* **Linha 2** Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto
- Felipe Buzzi *Mestrado* **Linha 1** Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti
- Gustavo Paulo Zonta *Doutorado* **Linha 3** Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi
- Lauriano Benazzi *Doutorado* **Linha 2** Prof. Dr. Rogério Christofoletti
- Rafael Giovani Venuto *Doutorado* **Linha 1** Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti e
Profa. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino
- William Castro Morais *Doutorado* **Linha 2** Profa. Dra. Cárilda Emerim



GÊNERO E JORNALISMO FEMINISTA

*Brasil Mulher e Nós Mulheres: as práticas da
imprensa feminista no período ditatorial* 21

■ **Helena Brandt Corrêa de Oliveira**

Para que elas gritem gol:
narração de transmissões de futebol por mulheres 24

■ **Raphaela Xavier de Oliveira Ferro**

O potencial aleijador do jornalismo nas
representações de mulheres com deficiência 27

■ **Thais Araujo de Freitas**

Brasil Mulher e Nós Mulheres: as práticas da imprensa feminista no período ditatorial

Helena Brandt Corrêa de Oliveira . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Daiane Bertasso Ribeiro

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Ditadura Militar; Gênero; Imprensa feminista; Imprensa alternativa.

Esta pesquisa busca compreender a prática jornalística das mulheres que faziam parte da resistência à ditadura brasileira através da imprensa alternativa feminista, mais especificamente nos jornais impressos *Brasil Mulher* e *Nós Mulheres*. O problema de pesquisa constitui-se em entender as práticas utilizadas pelas autoras nas construções desses jornais, a partir da análise das edições de ambos os veículos e de entrevistas com membros fundadoras desses jornais. Dentre os objetivos específicos, busca-se compreender as características comuns e de diferença entre os veículos, verificar quem eram suas autoras participantes, observar quais eram as pautas e como elas eram exploradas.

O projeto aqui disposto compreende a mídia feminista produzida nesta época como parte de um movimento nacional de produção de mídia alternativa que resistia ao cenário midiático repressivo e de caráter massificador e soberano, aliado do regime militar, com a função de disseminar as ideias de diferentes setores da sociedade em oposição à ditadura, podendo eles serem regionais ou nacionais (KUCINSKI, 1991). Assim, classifica-se a imprensa feminista como duplamente al-

ternativa, uma vez que as pautas feministas não encontravam os esperados espaços de manifestação dentro da mídia alternativa geral (TELES; LEITE, 2013).

O jornal *Brasil Mulher* foi publicado de 1975 a 1980, editado pela Sociedade *Brasil Mulher*, com 20 edições (16 edições regulares e quatro edições “extras”). Já o jornal *Nós Mulheres* foi publicado pela Associação de Mulheres no período de 1976 a 1978, com oito edições. Ambos abordavam questões vividas por operárias, negras, faveladas ou moradoras das periferias, trabalhadoras de áreas urbanas e rurais, trocando sobre sexualidade, gênero e divisão do trabalho, ao mesmo tempo em que tratavam de assuntos como anistia, falta de liberdades democráticas e presença da censura.

O trabalho utiliza o método de pesquisa de Análise de Cobertura Jornalística (ACJ), baseado no estudo de Silva e Maia (2011), que investiga o produto impresso já finalizado para compreender as práticas jornalísticas que o produziram. Procuram-se indícios do método das marcas de apuração e da estratégia de cobertura (assinatura, local, origem da informação), das marcas da composição do produto (gênero jornalístico, localização do texto no veículo, recursos visuais adicionais) e de aspectos da caracterização contextual (interno ou externo).

Além disso, como forma de complementação da metodologia, pretende-se realizar entrevistas com mulheres que fizeram parte da construção desses jornais e que atuaram como colaboradoras e organizadoras. Nessa perspectiva, serão utilizadas as metodologias de História Oral, que, de acordo com Delgado (2006, p. 15), é “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações”, e de Entrevista Aprofundada, que de acordo com Duarte e Barros (2005, p. 62) é “um recurso metodológico que busca, com base em teorias e pressupostos definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. ■

Referências

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Editora Atlas, p. 62-83, 2005.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Edusp, 1991.

SILVA, Gislene; MAIA, Flávia D. **Análise de cobertura jornalística**: um protocolo metodológico. RuMoRes, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 18-36, 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-677X.rum.2011.51250>.

TELES, Amelinha; LEITE, Rosalina Santa Cruz. **Da guerrilha à imprensa feminista**: a construção do feminismo pós luta armada no Brasil (1975 – 1980). São Paulo: Editora Intermeios, 2013.

Para que elas gritem gol: narração de transmissões de futebol por mulheres

Raphaela Xavier de Oliveira Ferro . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Narração esportiva; Mulheres; Jornalismo esportivo; História da comunicação.

Com o objetivo de identificar como se configura e se estabelece a inserção de mulheres na narração de competições profissionais de futebol em televisão, rádio e internet, parte-se do escopo teórico relativo aos estudos feministas, considerando intersecções sobre trabalho, gênero, jornalismo e esporte. Assim, pretende-se formalizar, por meio do uso da história oral, o registro da narração feminina e, a partir da análise de discurso, compreender as especificidades da área ainda demarcada como reduto masculino e elaborar estratégias metodológicas de ensino superior para a inserção da prática na formação das jornalistas.

A intenção de desenvolver a pesquisa nasce da experiência empírica na docência no ensino superior no curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás (UFG). Durante as atividades laboratoriais de radiojornalismo esportivo, entre 2018 e 2020, foi possível perceber que há dificuldades ainda não analisadas na formação de mulheres para a narração esportiva. Identificou-se que estudantes inseridas em projetos de jornalismo esportivo, que sonhavam com a atuação profissional na área, não se imaginavam experienciando a função de narradora, muito menos tendo-a como opção de carreira (VERSIANE; FERRO, 2020).

Assim, busca-se abarcar uma construção historiográfica sobre a participação de mulheres nessa função específica no Brasil. Considera-se a invisibilização da temática, que integra também o conhecimento sobre o fato de questões de gênero terem sido relegadas ao que é periférico na distinção tradicional da história (BURKE, 1992) e por terem as mulheres sido excluídas da história que Scott (1992) denomina de “estabelecida” ou “objetiva, neutra e universal no passado” (SCOTT, 1992, p. 90). Objetiva-se a proposição de estratégias pedagógicas compassivas e que contribuam para a consciência crítica (HOOKS, 2017) e para a autonomia e a liberdade (FREIRE, 1996).

Considera-se que há processo de exclusão e apagamento de mulheres na história não só do rádio brasileiro, como anunciam Betti e Zuculoto (2021), como também em outras mídias, para, a partir disso, buscar meios de ampliar a inserção de mulheres nesse campo profissional e em outros em que exista impeditivo semelhante. Nas pesquisas que tiveram a narração esportiva como foco até o momento, assim como em livros sobre a atividade, mulheres são, quando não ignoradas, citadas pontualmente, sem que suas histórias, práticas e técnicas sejam abordadas, como em Schinner (2004), Guerra (2006), Faria (2011), Helal e Amaro (2012) e Götz (2015).

Entende-se que as mulheres narradoras permanecem em um lugar de alteridade em que se reforça a invisibilização. Para que essa realidade seja tensionada, é preciso elaborar estratégias que formem mulheres, considerando as diferenças que a localização social lhes impõe (RIBEIRO, 2019) como narradoras. Além disso, fazem-se imprescindíveis ações que exijam do mercado a permanência dessas profissionais em seus quadros e também iniciativas que atuem para a construção de memória sobre as que já romperam algumas dessas barreiras, registrando formalmente suas histórias. ■

Referências

- BETTI, Juliana G.; ZUCULOTO, Valci. A história (das mulheres) do rádio no Brasil - uma proposta de revisão do relato histórico. In: 13º Encontro Nacional de História da Mídia, 2021, online. **Anais** (online), 2021.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.
- FARIA, Bob. **Grito de gol: as vozes da emoção na TV**. São Paulo: Editora Leitura, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GÖTZ, Ciro A. F. **Narradores de Futebol, dos Desbravadores aos Contemporâneos: estilo e técnica da locução no rádio porto-alegrense (de 1931 a 2015)**. 2015. 296f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- GUERRA, Márcio O. **TV X Rádio: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor**. 2006. 246f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- HELAL, Ronaldo; AMARO, Fausto. Das ondas do rádio à tela da TV: notas sobre a evolução da narração esportiva. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2012, Fortaleza. **Anais** (online), 2012.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.
- SCHINNER, Carlos F. **Manual dos locutores esportivos: como narrar futebol e outros esportes no rádio e na televisão**. São Paulo: Panda Books, 2004.
- SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992, p. 63-96.
- VERSIANE, Daniela F.; FERRO, Raphaela X. O. As Mulheres e o Jornalismo Esportivo em 20 anos do projeto Doutores da Bola. In: **Estudos Contemporâneos em Jornalismo - Coletânea 8**. Goiânia: Cegraf UFG, 2020.

O potencial aleijador do jornalismo nas representações de mulheres com deficiência

Thais Araujo de Freitas . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Jornalismo; Mulheres com deficiência; Representações sociais; Capacitismo; Cidadania.

Em um contexto social marcado por valores patriarcais e pela ideia de capacidade corporal obrigatória, que tem sido questionada pela chamada Teoria Aleijada¹, as mulheres com deficiência experimentam situações peculiares de violência e exclusão social. A complexidade da discriminação baseada em gênero e deficiência se torna ainda mais contundente se considerarmos outras categorias, como raça/etnia, classe, orientação sexual, geração, região e religião, dentre outras (MELLO, 2014).

Compreendendo que o jornalismo fundamenta historicamente a sua relevância enquanto instituição social sobre o valor do interesse público e da defesa da cidadania (GOMES, 2009; SILVA; FRANÇA, 2017), o objetivo da presente pesquisa, que está em fase inicial de desenvolvimento, é investigar os modos como os conteúdos de mídias com perspectiva de gênero representam as mulheres com deficiência e de que forma isso pode afetar o reconhecimento delas como

¹ Tradução proposta por Anahí Guedes de Mello e Marco Antônio Gavério (2019) para a chamada crip theory, desenvolvida por Robert McRuer (2021). Trata-se de uma teoria que rejeita a ideia de que não ter uma deficiência é um estado natural de todo ser humano. Além disso, questiona a exclusão do capacitismo como matriz de discriminação interseccional nas teorias feministas, queer e decoloniais.

cidadãs. Deste modo, esta pesquisa tem como objeto de estudo as representações sociais de mulheres com deficiência construídas pelas mídias jornalísticas feministas *Portal Catarinas* e revista digital *AzMi-na*, entre os anos de 2016 e 2022. Para realizar a análise, adotaremos como operador teórico-metodológico o conceito de representações sociais na perspectiva de Serge Moscovici (2015).

Nossa hipótese é que a inclusão discursiva das próprias mulheres com deficiência é uma das formas de aleijar as representações sociais que o jornalismo constrói e põe em circulação, provocando rupturas no senso comum e em valores hegemônicos presentes na sociedade. Tal hipótese surge a partir dos achados durante a pesquisa de Mestrado, quando observamos que as pessoas com deficiência são submetidas a dois tipos de silenciamento nas matérias jornalísticas analisadas: por exclusão — quando a temática da deficiência é abordada sem que as próprias pessoas com deficiência sejam ouvidas, tendo, portanto, suas perspectivas ignoradas, desconsideradas e excluídas por completo — e por tutela — quando suas falas são substituídas por outras de alguém considerado mais capaz e competente para expor opiniões, avaliações e perspectivas (em geral, parentes próximos, como pais e irmãos). Assim, elas têm suas subjetividades silenciadas, sendo reduzidas à condição de objetos e não de sujeitas que, conforme define bell hooks, são aquelas que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (HOOKS, 1989, p. 42). Quando limitadas à condição de objetos, no entanto, têm suas histórias e identidades criadas e definidas por outrem, sendo elas designadas “somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos” (HOOKS, 1989, p. 42). ■

Referências

GOMES, Wilson. Jornalismo e interesse público. In: GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2009, p. 67-87.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

McRUER, Robert. **Teoría Crip**: signos culturales de lo queer y de la discapacidad. Trad. Isadora Silva Rodrigues. Madrid: Kaótica Libros, 2021.

MELLO, Anahí Guedes de. **Gênero, deficiência, cuidado e capacitismo**: uma análise antropológica de experiências, narrativas e observações sobre violências contra mulheres com deficiência. 2014. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2015.

SILVA, Terezinha; FRANÇA, Vera. Jornalismo, noticiabilidade e valores sociais. **E-Compós**, [S. l.], v. 20, n. 3, 2017. DOI: <https://doi.org/10.30962/ec.1398>.



2 PROFISSÃO

O perfil profissional de jornalistas catarinenses 31

■ **Cesar Orlando Valente**

O perfil dos jornalistas gaúchos:
vida e trabalho em um cenário de precariedade 33

■ **João Victor Gobbi Cassol**

Radiojornalismo na visão de repórteres
em tempos de produção multiplataforma 36

■ **Juliana Gomes**

O condicionamento dos capitais
nas trajetórias de jornalistas brasileiros 39

■ **Leopoldo Pedro Neto**

O perfil profissional de jornalistas catarinenses

Cesar Orlando Valente . Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:
Jornalismo; Jornalistas; Santa Catarina; Perfil profissional; Identidade profissional.

Com este resumo expandido pretende-se construir um perfil profissional dos jornalistas que atuam no estado de Santa Catarina, no contexto das transformações estruturais do jornalismo, usando como base os formulários completos preenchidos por jornalistas que atuam em Santa Catarina, nas pesquisas nacionais sobre o jornalista brasileiro, realizadas em 2012 (MICK, 2013) e em 2021 (LIMA, 2022). Os dados estaduais são um recorte do universo de respondentes nas 27 unidades da federação.

O objeto empírico, portanto, são os dois conjuntos de entrevistas de jornalistas catarinenses, que fazem parte da base de dados das pesquisas Perfil do Jornalista Brasileiro 2012 e 2021. E o corpus é formado pelas respostas de jornalistas que informaram atuar no Estado de Santa Catarina: 193 em 2012 e 465 em 2021.

Os limites dessa construção são dados pela conformação da pesquisa, que reúne as características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho dos jornalistas (LIMA, 2022; MICK, 2012). Além da possibilidade de estabelecer algumas comparações, pela existência de pesquisas semelhantes em 2012 e 2021, tanto entre os achados estaduais nas duas investigações separadas por uma década, quanto

com o que foi encontrado nacionalmente. E a adição de algumas histórias de vida, resultantes de entrevistas em profundidade semiestruturadas com profissionais que representem pontos-chave dos achados da pesquisa, poderá ajudar a delimitar o perfil profissional e dar uma face humana aos dados estatísticos.

Conhecer o perfil do profissional que atua em Santa Catarina permitirá avaliar sua situação em relação ao que a pesquisa nacional revelou. Esses dados certamente serão úteis tanto para balizar a atividade de entidades sindicais quanto para estudos mais aprofundados das condições de vida e trabalho e para a definição de políticas públicas. ■

Referências

LIMA, S.; MICK, J. et al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. 220 p.

MICK, J. Trabalho jornalístico e convergência digital no Brasil: um mapeamento de novas funções e atividades. **Revista Pauta Geral Estudos em Jornalismo**, v. 2 n. 1, p 15-37. Ponta Grossa, 2015.

MICK, J. **Detalhamento metodológico da pesquisa “Perfil profissional do jornalismo brasileiro”**. Florianópolis: UFSC, 2012. Disponível em: https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2012/04/PerfilJornal_Metodologia.pdf. Acesso em: 02 nov. 2022.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013. 156 p.

O perfil dos jornalistas gaúchos: vida e trabalho em um cenário de precariedade

João Victor Gobbi Cassol . Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:

Jornalistas gaúchos; Perfil do jornalista; Condições de trabalho; Precarização; Mundo do trabalho.

Nossa proposta de estudo nasce no contexto de um conjunto de pesquisas produzidas em território nacional interessadas em aferir o perfil profissional e os diversos aspectos ligados às condições de trabalho dos jornalistas brasileiros, como Mick e Lima (2013), Figa-ro, Nonato e Grohmann (2013), Thibes e Nicoletti (2017), Pontes (2017), Kikuti e Rocha (2018) e, mais recentemente, Lima et al. (2022).

Buscando contribuir para essa rede de investigações e focando em um contexto específico do jornalismo no Brasil, nossa pesquisa tem como objetivo geral analisar as características de trabalho, econômicas e sociodemográficas dos jornalistas gaúchos, finalmente sendo capaz de identificar o perfil dessa categoria. Para tanto, fazemos uso e respectiva análise do conjunto de respostas enviadas por jornalistas do Rio Grande do Sul à pesquisa do Perfil do Jornalista Brasileiro (LIMA et al. 2022). Ainda, com o objetivo de encontrar peculiaridades sobre a realidade de tais profissionais em áreas do interior gaúcho, realizamos survey on-line com os jornalistas egressos de jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria – campus de Frederico Westphalen-RS (UFSM-FW).

A perspectiva teórica dessa proposta de estudo se constrói a partir da dialética entre as compreensões sobre realidade do mundo do trabalho

na contemporaneidade, especialmente com base em Sennett (2009) e Laval e Dardot (2016), e as visões que descrevem o cenário do jornalismo atualmente, notadamente as concepções de Charron e Bonville (2016), Deuze e Witschge (2016) e Mick, Christofolletti e Lima (2021). Assim, a execução de nossa pesquisa leva em conta o cenário de profundas mudanças no mundo do trabalho jornalístico, cujo fenômeno mais visível é a precarização das condições laborais, como resultante da visão neoliberal hoje hegemônica, globalmente. Com base nisso, defendemos que o jornalismo vive um momento de crise, cuja definição coincide com seu momento de hiperconcorrência definido por Charron e Bonville (2016), num cenário marcado por quatro tendências: a) Uma reorganização dos ambientes de trabalho; b) A fragmentação das redações; c) A emergência de uma sociedade “redacional”; e d) A ubiquidade das tecnologias midiáticas (DEUZE; WITSCHGE, 2016). ■

Referências

CHARRON, J.; BONVILLE, J. **Natureza e transformação do jornalismo**. Florianópolis: Editora Insular, 2016.

DEUZE, M. WITSCHGE, T. O que o Jornalismo está se tornando. **Parágrafo**, v. 4, n. 2, p. 8-21, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478>. Acesso em: 30 nov. 2021.

FIGARO, R. (org); NONATO, C.; GROHMANN, R. **As Mudanças no Mundo do Trabalho do Jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

KIKUTI, A.; ROCHA, P. M. Mercado de trabalho e trajetória profissional de jornalistas mulheres entre 2012 e 2017 no Brasil. In: Encontro Nacional de Pesquisador em Jornalismo, 16., 2018, São Paulo. **Anais**. FIAM-FAAM/Anhembi Morumbi: Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2018/paper/viewFile/1497/892>. Acesso em: 28 fev. 2022.

LAVAL, P.; DARDOT, C. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

LIMA, S. (coord. geral) et al. **Perfil do jornalista brasileiro 2021**: características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho. Florianópolis: Quorum Comunicação, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.paginas.ufsc.br/files/2022/08/RelatorioPesquisaPerfilJornalistas2022x2.pdf>. Acesso em 30 ago. de 2022.

MICK, J.; CHRISTOFOLETTI, R.; LIMA, S. P.. **Jornalismo local a serviço dos públicos**: como práticas de governança social podem oferecer respostas às crises do jornalismo. Florianópolis: Insular, 2021.

MICK, J.; LIMA, S. **Perfil do jornalista brasileiro**: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012. Florianópolis: Insular, 2013.

PONTES, F. S. Desigualdades estruturais de gênero no trabalho jornalístico: o perfil das jornalistas brasileiras. **E-Compós**, [S. l.], v. 20, n. 1, 2017. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1310>. Acesso em: 31 out. 2021.

SENNET, R. **A corrosão do caráter**: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo. Rio de Janeiro: Record, 2009.

THIBES, A; NICOLETTI, J. Evolução salarial dos jornalistas de 2005 a 2015: indicativos de precarização do trabalho. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 15., 2017, São Paulo. **Anais..** ECA-USP. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/view/748/329>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Radiojornalismo na visão de repórteres em tempos de produção multiplataforma

Juliana Gomes . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Repórter de rádio; Radiojornalismo; Reprodução multiplataforma.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender as transformações contemporâneas do radiojornalismo, a partir da visão dos repórteres de rádio, sobre o exercício do radiojornalismo, considerando as dinâmicas de produção multiplataforma, que implicam, entre outras coisas, em sobrecarga, precarização do trabalho e perda de qualidade da informação no rádio.

O estudo tem como objetivos específicos averiguar rotinas de produção de rádio em ambiente de convergência em emissoras com produção multiplataforma; verificar como se dá a organização do trabalho, ritmo, pressões, autonomia; conferir condições de trabalho, técnica, tamanho das equipes e estrutura disponível.

O trabalho será de abordagem qualitativa e os procedimentos metodológicos abrangem a pesquisa exploratória, com estratégias que incluem revisão bibliográfica. Os profissionais a serem ouvidos para a pesquisa são repórteres de rádios hertzianas, inseridas em contexto multiplataforma. Primeiro, aplicaremos um questionário online que será enviado para as principais emissoras do país para termos um panorama geral da percepção dos profissionais. Depois, selecionaremos alguns deles, o número ainda será definido, destacados pelo reconhecimento

em prêmios nacionais ou pelo tempo de dedicação à atividade. Com estes, faremos entrevistas semiabertas (CRUZ NETO, 2002; TRIVIÑOS, 1987). Portanto, será uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 2010), que se utilizará da análise de conteúdo das entrevistas (BARDIN, 2011). Nestas, vamos questionar como se dá a organização do trabalho (pressão, ritmo, relações, limitações e rotinas); sofrimento e satisfação no trabalho (dificuldades, autonomia, conciliação com vida pessoal); alterações tecnológicas verificadas na atuação profissional desde o início da carreira até os dias atuais.

A produção de jornalismo multiplataforma, a partir da invenção da internet e da convergência das mídias, vem proporcionando diversas facilidades aos meios de comunicação, tais como agilidade, mobilidade e redução de custos para produção da notícia (JENKINS, 2009). No rádio, o fenômeno representa mais um capítulo das transformações tecnológicas (ZUCULOTO, 2012) que compreendem a história do meio desde sua criação até a contemporaneidade. Do ponto de vista do repórter, as tecnologias relativamente recentes, como a internet móvel, aplicativos de mensagem instantânea e as redes sociais, assim como trazem benefícios, também podem representar desafios para o exercício da profissão, com frequente redução de equipes e aumento de demanda. Assim, vemos não só a transformação da função do repórter de rádio, mas, por vezes, até sua descaracterização. Aos profissionais que permanecem na redação, em muitos casos, resta assumir as funções de produtor, apresentador, redator, locutor de notas, social media, editor de áudio e fotógrafo. A reportagem, como podemos ver em algumas rádios em contexto multiplataforma, ficou dependente da participação das equipes de TV, site e impresso.

Ferraretto et al. (2019) afirmam que este é um caminho sem volta, e que a adaptação, em grande parte, depende da boa vontade e talento dos profissionais. Embora concordemos com este ponto de vista, entendemos que o problema não está na produção múltipla, mas na produção simultânea de várias pautas ao dia. Desta forma, corre-se o risco de que a exigência de produção múltipla possa significar a simplificação da notícia ou a superficialidade que pode se estender também a outras plataformas. ■

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

FERRARETTO, L. A. et al.. O jornalista com múltiplas funções no rádio: velhos preconceitos para novos desafios. **Revista Rádio-Leituras**, Mariana, v. 10, n. 1, pp. 22-40, jan./jun., 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radio-leituras/article/view/3991/3051>. Acesso em: 09 nov. 2022.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZUCULOTO, V. R. M. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

O condicionamento dos capitais nas trajetórias de jornalistas brasileiros

Leopoldo Pedro Neto . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jacques Mick

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:

Estudos em Jornalismo; Trajetórias profissionais; Capital.

De forma geral, o problema de pesquisa busca entender como recursos materiais e simbólicos – como diplomas, relações sociais, renda – são responsáveis por condicionar trajetórias profissionais de agentes jornalistas no período contemporâneo. Parte-se do pressuposto teórico-conceitual de que esses recursos são capitais e entende-se que trajetórias profissionais devem ser aferidas cientificamente a partir do conjunto de propriedades que podem ser apreendidas de indivíduos epistêmicos (BOURDIEU, 2011)¹.

Ao sintonizar-se com o estado do conhecimento das teorias do jornalismo, portanto, percebe-se que há brechas na compreensão dos movimentos das carreiras de jornalistas em um período de crise e instabilidade (MICK; KIKUTI, 2020; MICK, 2017). Quais são os fatores materiais e simbólicos que estruturam a permanência, ascensão, declínio e/ou evasão desses agentes? Tendo em consideração o caráter

¹ Capital é um conjunto de recursos, elementos e componentes que podem ser possuídos por um indivíduo, um grupo e/ou uma classe. Um capital pode, em determinados casos, ser investido, acumulado ou reconvertido de modo mais ou menos ilimitado (LEBARON, 2017). Bourdieu não nega o pensamento marxiano relacionado à crítica da economia política no processo de produção do capital (MARX, 2008; 2013), porém o repensa e o reapropria na intenção de elaborar uma economia geral das práticas sociais (MOORE, 2018).

desigual da sociedade brasileira – assim como os processos de heteronomia do jornalismo em relação aos campos econômico e político –, quais são os fatores materiais e simbólicos que estruturam a permanência, ascensão, declínio e/ou evasão desses agentes?

O objetivo geral da pesquisa é compreender como os capitais – econômico, social, cultural e simbólico – influenciam na trajetória de jornalistas. Os objetivos específicos elencam-se em: a) Identificar quais são os capitais legitimados do campo jornalístico; b) Medir a posse de capitais dos jornalistas; c) Compreender como se condicionam as trajetórias profissionais.

Em vista disso, o objeto empírico estrutura-se em questionários com questões fechadas de múltipla escolha e entrevistas abertas semiestruturadas. O corpus será composto por jornalistas advindos de diferentes faixas etárias, recortes de classe, raça e gênero. A delimitação mais precisa do número específico de jornalistas que integrarão o corpus será realizada futuramente a partir de diálogos com o orientador e com as possibilidades empíricas do campo.

Do ponto de vista epistemológico e teórico, no intuito de compreender as forças sociais existentes no campo, responsáveis por simbólica e materialmente produzir efeitos sobre as carreiras dos jornalistas, busca-se subsídios na Teoria da Prática – ferramental conceitual advindo de Pierre Bourdieu, em diálogo com as matrizes das Sociologias do Trabalho e das Profissões. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se orienta em uma combinação entre métodos de pesquisa calcados em: a) construção teórico-empírica – ressaltada acima – dos conceitos que servirão como categorias de interpretação do objeto; b) formulação de questionários e indicadores que possam coletar dados que apreendam a relação entre agentes no campo, suas posses de capital e suas trajetórias; c) realização de entrevistas qualitativas semiestruturadas, com objetivo de aprofundar os dados coletados e interpretados; d) elaboração de categorias de análise e representações gráficas no intuito de apreender o espaço social estudado. A hipótese ampara-se na concepção de que a distribuição desigual de capitais – econômico, cultural, social e simbólico – no campo jornalístico, está relacionada às opressões estruturais da sociedade brasileira, como classe, gênero e raça.

Entende-se, por fim, que os resultados apresentados podem fornecer subsídios para compreensão mais ampla de problemas dos estudos em Jornalismo. ■

Referências

BOURDIEU, P. The forms of capital. In: HALSEY, A.H.; LAUDER, H. BROWN, P. & STUART WELLS, A. **Education, Culture, Economy, Society**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

BOURDIEU, P. **Homo academicus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 .

LEBARON, F. Capital. In: CATANI, A. M. et al. (Org.). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

MARX, K. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo: Expressão Popular: 2008.

MARX, K. **O Capital** – Livro I – crítica da economia política: o processo de produção do capital. Tradução Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MICK, J. Trabalho jornalístico e mundialização: problemas teórico-metodológicos. **Sur le journalisme**. Vol 6, n. 2, dez de 2017.

MICK, J., KIKUTI, A. **O mundo do trabalho de jornalistas no Brasil**: uma agenda de pesquisa. *Plural*, 27(2), 210-239, 2020. Acesso em 31 de set. 2021.

MOORE, M. Capital. In: **Pierre Bourdieu**: conceitos fundamentais. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

TERRITÓRIO, RAÇA E ETNIA

3

Jornalismo e racismo no Brasil contemporâneo:
tensionamentos e insurgências 43

■ **Ediane Barbosa Oliveira**

Imprensa e o direito à terra:
como a *Folha de S.Paulo* noticia o Marco Temporal 46

■ **Leticia Ferreira Bueno**

Redes comunitárias de comunicação
no Quilombo Cajueiro (MA) 49

■ **Marisvaldo Silva Lima**

O “outro” indígena: crítica à práxis jornalística
a partir dos povos originários 52

■ **Tatiane K. Barbosa de Queiroz**

Jornalismo e racismo no Brasil contemporâneo: tensionamentos e insurgências

Ediane Barbosa Oliveira . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Daiane Bertasso Ribeiro
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:
Racismo; Genocídio negro; Necropolítica; Jornalismo; Interseccionalidade.

A naturalização da violência contra pessoas negras enquanto reflexo do sistema estrutural das desigualdades (ALMEIDA, 2018) indica que o racismo não produz apenas comportamentos, mas estrutura-se a partir do poder, onde a desumanização de pessoas negras torna-se institucionalizada no sistema jurídico, econômico e político, refletindo as relações e os conflitos sociais. Segundo dados do Atlas da Violência¹, entre 2009 e 2019, a violência que levou a morte de pretos e pardos cresceu 10 vezes mais em relação aos brancos, implicando que dos homicídios registrados no país, 75% são de pessoas negras.

Os dados demonstram a alarmante situação da desigualdade racial no Brasil e também sugerem a insurgência de mais pesquisas que relacionem os estudos de jornalismo com os estudos étnico-raciais, a partir da relevância que conteúdos jornalísticos possuem perante a sociedade. A pesquisa, em fase inicial de construção, alinha-se com estas duas áreas de conhecimento e propõe uma reflexão crítica e central das questões raciais no jornalismo. Como categoria teórica na contextualização da

¹ A pesquisa é elaborada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

morte em massa de pessoas majoritariamente negras no Brasil, a pesquisa utiliza o conceito da necropolítica (MBEMBE, 2018) para refletir sobre o poder centrado na produção de morte em larga escala, implicando quais sujeitos devem morrer e quais têm o direito à vida.

A violência racial teve grande destaque nas coberturas jornalísticas, mais especificamente na última década, tanto pelo aumento dos índices de mortes negras, como também pela denúncia que movimentos negros e sociais fizeram na esfera pública. Um exemplo foi o caso de George Floyd, homem negro norte-americano asfixiado até a morte por um policial, em 2020, nos Estados Unidos. A ação insurgiu uma onda de movimentos mundiais de luta por justiça racial, como o movimento *Black Lives Matter* – iniciado em 2012. Com inspiração nessa ação política coletiva surgiu o movimento Vidas Negras Importam no Brasil, que dentre diversas pautas antirracistas, também denunciou a reprodução do racismo entre algumas coberturas jornalísticas de veículos de grande expressão nacional. Os movimentos, a partir de um tom denunciativo, constituíram-se como um elemento de agendamento para a imprensa brasileira.

De acordo com Motta (2000), o estigma de pessoas negras, especialmente nas coberturas sobre o genocídio negro, historicamente foi retratado na imprensa de modo a tornar sólida a ideia de um país discriminatório. No estudo em questão, objetiva-se, portanto, analisar quais sentidos, em suas coberturas sobre o genocídio negro, o jornalismo vem construindo racialmente no momento atual. Como método, sugere-se a perspectiva da interseccionalidade (COLLINS; BILGE, 2021) como uma categoria de análise para textos jornalísticos. Ainda que o termo muitas vezes seja colocado apenas sob o prisma teórico das discussões de gênero, o mesmo desenvolve reflexões sobre múltiplos vetores de identidade ao considerar como o mundo social é construído a partir de diferentes camadas sociais, além de compreender a complexidade dos sistemas de dominação e experiências de subalternidade. A escolha do corpus, ainda em fase de delimitação, versará em coberturas de casos de genocídio negro que tiveram amplo destaque, noticiadas em veículos de imprensa no Brasil entre os anos de 2018 a 2021.

A centralidade da discussão racial para a pesquisa em jornalismo e para a prática do jornalismo brasileiro pode acarretar em tensionamentos e insurgências que contribuam na consolidação de uma democracia mais representativa, a partir do papel social do jornalismo. Essa contribuição pode ser capaz de construir uma formação de consciência social mais habilitada para compreender, interpretar e combater as opressões nas sociedades contemporâneas. ■

Referências

ALMEIDA, S. L. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.

COLLINS, P. H.; BILGE, S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

MBEMBE, A. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção e política da morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOTTA, L.G. A Psicanálise do Texto: a mídia e a reprodução do mito na sociedade contemporânea. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 9, 2000, Porto Alegre. **Anais [...]**. Campinas: Galoá, 2000. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2000/papers/a-psicanalise-do-texto--a-midia-e-a-reproducao-do-mito-na-sociedade-contemporanea>. Acesso em 03 nov. 2022.

SODRÉ, M. **Claros e escuros**: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

Imprensa e o direito à terra: como a *Folha de S. Paulo* noticia o Marco Temporal

Leticia Ferreira Bueno . Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Jornalismo; Direitos Humanos; Povos indígenas; Marco Temporal; Território

Com esta dissertação, o objetivo é analisar a construção das notícias que tratam sobre o Marco Temporal imposto às terras indígenas brasileiras, publicadas em um dos veículos de comunicação de maior alcance nacional: a *Folha de S. Paulo*. A questão-problema que norteia a pesquisa é: como é construída a narrativa sobre o Marco Temporal na *Folha de S. Paulo* e quem são os agentes jornalísticos utilizados para falar sobre este tema?

Para respondê-la, serão selecionadas notícias que abrangem o período anterior e posterior ao início do julgamento do Marco Temporal pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O corpus ainda será delimitado com exatidão, pois o julgamento da tese pelo STF não foi finalizado e pode haver desdobramentos após a posse do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva, em janeiro de 2023.

Como discutido em diversas bibliografias (por exemplo, FONSECA, 2014; MORAES; SILVA, 2019; URQUIZA, 2017), a representatividade e a subjetividade dos sujeitos considerados “outro” no jornalismo tradicional ainda é algo passível de problematizações, não sendo incomum a estereotipagem e silenciamento de vozes. Esse compor-

tamento reforça imagens e condutas preconceituosas, colocando o jornalismo numa posição de mantenedor de violências.

As construções simbólicas operadas na racionalidade dominante dos modos de objetivação jornalística historicamente participam dos processos de transformação de diferenças em desigualdades, contribuindo para a manutenção e opacificação de ideologias como o machismo e o racismo. (MORAES; SILVA, 2019, p. 2)

Além disso, há a falta da contextualização ampla e plural dos acontecimentos, apenas com o uso de fontes de informação oficiais, por exemplo.

Assim, ao narrar a realidade, o discurso jornalístico pode contribuir para consolidar “verdades”, conceitos, estereótipos, numa construção textual que privilegia quase sempre o fato e despreza o contexto, desconsidera outros saberes, desvaloriza o caminho percorrido até o acontecimento narrado. (URQUIZA, 2017, p. 46)

É desse lugar de tensionamento sobre a construção das notícias e seus efeitos de sentido que nascem alguns questionamentos: como é retratado esse fenômeno de proporção nacional, que afeta os povos originários do país? Quem o jornalismo hegemônico convida para falar sobre este tema? Essas escolhas expressam uma herança colonial? (QUIJANO, 2005).

Serão utilizados dois procedimentos metodológicos para encontrar as respostas. A Análise Crítica da Narrativa (MOTTA, 2010; 2013) será aplicada para entender e organizar a narrativa do Marco Temporal no veículo estudado. Já a Análise do Discurso (BENETTI, 2010; CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2012; MAINGUENEAU, 1997; ORLANDI, 1995; 2009), fornecerá ferramentas para entender os efeitos de sentido criados pela narrativa, por meio da escolha dos agentes jornalísticos mobilizados para tratar sobre o fenômeno.

Além do panorama da cobertura jornalística, objetiva-se fazer discussões em torno dos Direitos Humanos, do direito à terra dos povos indígenas e da subjetividade dos sujeitos no discurso jornalístico. ■

Referências

BENETTI, M. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 107-121.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

FONSECA, J. Quem fala no jornalismo? In: LEAL, B. S. et al. (Orgs). **Para entender o jornalismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 89-102.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Pontes, 1997.

MORAES, F.; SILVA, M.V. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28, 2019, Porto Alegre. **Anais [...]** Campinas: Galoá, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em 03 de nov. 2022

MOTTA, L. G. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, C.; BENETTI, M. (Orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 143-167.

MOTTA, L. G. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2013.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 227-278.

URQUIZA, M. G. **O lugar do Outro na narrativa jornalística: um olhar a partir da cultura**. 2017. 81 p. Mestrado em Comunicação. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2017.

Redes comunitárias de comunicação no Quilombo Cajueiro (MA)

Marisvaldo Silva Lima . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Locatelli
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:
Jornalismo; Comunicação popular; Comunidade quilombola; Alcântara; Maranhão.

Esta pesquisa parte de uma noção mais ampla de jornalismo, compreendendo-o não somente como resultado da ação de uma categoria profissional, mas como uma prática social (LAGE, 2014), uma força capaz de orientar a sociabilidade nas esferas sociais (HESS; GUTSCHE JR., 2018) e uma instância discursiva heterogênea. Levamos em consideração ainda que este campo passa por profundas transformações ocasionadas, entre outros fatores, pela relativa democratização do acesso à internet que culminou com a erosão de fronteiras, outrora bem definidas, entre quem pode ou não ser classificado como jornalista (STEARNS, 2013).

Portanto, ao investigar processos sociais de jornalismo em uma comunidade quilombola, examinamos a “comunicação das classes subalternas no contexto dos movimentos populares” (OTRE, 2022, p. 475). Processos que são focados nas demandas da comunidade e envolvem uma profusão de manifestações, desde a oral/dialógica/presencial até meios tecnológicos. São processos comunicativos “holísticos” (PERUZZO, 2022, p. 523) em que “o que importa é o conjunto da práxis, o processo educativo e o significado que tem para os segmentos envolvidos, para a comunidade ou para o movimento social” (*Idem*, p. 524).

Como resultado de pesquisa preliminar de campo, realizada nos meses de agosto e setembro de 2022, por meio de observação participante, com utilização de caderno de campo e aplicação de entrevistas abertas com moradores da Comunidade Quilombola Cajueiro, localizada no município de Alcântara/MA, foi possível compreender como a comunidade desenvolve práticas comunicacionais com aspectos jornalísticos no contexto peculiar de sua estrutura gregária ligada ao trabalho coletivo.

Destacamos sinteticamente que a comunidade possui acesso à internet via *wi-fi*, o que possibilita que parte dos moradores se organizem em grupos no WhatsApp e perfis pessoais em redes sociais da internet. Entretanto, como o acesso é limitado, qualquer informação relevante para o grupo ainda depende da comunicação oral/dialógica para passar adiante. Destacamos também que é na execução do trabalho coletivo e nos “espaços sagrados” da comunidade¹ que esses interlocutores executam práticas comunicacionais com aspectos jornalísticos peculiares e redes complexas de transmissão e recepção de informações, que, repassadas a lideranças, chegam ao poder público, outros movimentos sociais e à própria mídia informativa.

Ressaltamos, portanto, que há forte influência dos agentes comunicadores nesse processo, que podem ser tanto as lideranças eleitas pela comunidade, mas também lideranças socialmente reconhecidas, como professores, agentes de saúde, líderes religiosos e outros à frente de atividades coletivas, como a plantação, colheita, pescaria, produção de farinha, festejos religiosos etc. Esses agentes são responsáveis pela reunião e tratamento de informações, registros fotográficos e de vídeo, interação com outros setores sociais com apresentação de demandas da comunidade e compartilhamento de assuntos de interesse público.

Assim, destacamos o jornalismo como uma instituição social de relevância, cujos processos são assimilados pelas comunidades em sua comunicação peculiar na qual se destacam os agentes comunicadores quilombolas, que fazem a mediação entre as informações relevantes e os moradores num fluxo comunicativo híbrido entre o oral e o digital. ■

¹ Conforme definidos pelos entrevistados, os “lugares sagrados” da comunidade são os templos religiosos (igreja evangélica, igreja católica e terreiro de umbanda), espaços do trabalho coletivo (casa de farinha, casa do forno, lavanderia), espaços sociais (salão de festas, terreiros à sombra dos pés de caju) e os serviços públicos (escola, posto de saúde).

Referências

LAGE, N. Conceitos de jornalismo e papéis sociais atribuídos aos jornalistas.

Pauta Geral - Estudos em Jornalismo, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 20-25, 2014.

Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/6080>.

Acesso em: 7 nov. 2022.

HESS, K.; GUTSCHE JR; R. E. Journalism and the “Social Sphere”.

Journalism Studies, v. 19, n. 4, p. 483-498, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2017.1389296>.

Acesso em: 7 nov. 2022.

OTRE, M. A. C. A pesquisa acadêmica sobre Comunicação Popular, Alternativa e Comunitária no Brasil: análise de dissertações e teses produzidas em Programas de Pós-Graduação em Comunicação entre 1972-2012. In: PERUZZO, C. M. K.; GABRIOTI, R.; BERTI, O. M. de C. (orgs).

Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil. Teresina: EDUESPI, 2022.

PERUZZO, C. M. K. Análise de uma experiência de Pós-Graduação em Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa no Brasil. Conceitos e prática. In: PERUZZO, C. M. K.; GABRIOTI, R.; BERTI, O. M. de C. (orgs).

Trilhas e impactos da comunicação popular, comunitária e alternativa no Brasil. Teresina: EDUESPI, 2022.

STEARNS, J. **Acts of journalism: defining Press Freedom in the digital age**.

FreePress, 2013.

O “outro” indígena: crítica à práxis jornalística a partir dos povos originários

Tatiane K. Barbosa de Queiroz . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Jornalismo; Povos indígenas; Brasil; Crítica; Práxis jornalística.

O Brasil conta com pouco mais de 890 mil indígenas, divididos em 305 etnias (IBGE, 2010). A história nos mostra que esses povos foram expulsos de suas terras e tiveram suas populações reduzidas pela colonização de seus territórios. Krenak (2020) destaca que a questão sobre o que fazer com a parte da população que sobreviveu ao que ele chama de “trágicos primeiros encontros” com os europeus levou a uma relação equivocada entre o Estado e essas comunidades. Ribeiro (2017, p. 169) nos dá pistas de que, para compreender as problemáticas que envolvem esses povos, é preciso pensá-las dentro dos quadros da sociedade, já que elas só existem “onde e quando índios e não-índios entram em contato”.

A Constituição Federal do Brasil, de 1988, assegurou aos povos indígenas o direito de reconhecimento de “organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, além dos direitos sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (BRASIL, 1988, VIII). Apesar disso, percebemos que a lei assume um caráter apenas “formalista” em nossa sociedade.

Nos últimos anos, vários fatores têm agravado a situação desses povos no país. Dentre eles, podemos destacar a atual política “anti-indígena” praticada pelo governo do presidente Jair Bolsonaro, acentuado pela pandemia da covid-19. Em um ano, a doença atingiu mais de 50 mil indígenas¹.

Enquanto prática social e profissional, o jornalismo que é exercido atualmente no Brasil tem raízes no século XIX e, dessa forma, conta com forte influência do Positivismo, posteriormente reafirmado pelo Funcionalismo, o que faz com que incorpore elementos fundamentais do Pensamento Moderno (MEDINA, 2008). Além disso, essas práticas refletem uma “ideologia de branquitude”, comum a grande parte da sociedade, uma vez que a imprensa é uma fatia do mesmo bolo social da comunidade a que serve (DINES, 2009).

Na relação do jornalismo com o “outro”, Siqueira e Benetti (2017, p. 15) evidenciam que, quase sempre, essa dinâmica implica em esperar que o “outro se encaixe naquilo que já é aceito, condicionando sua singularidade ao apagamento”. O problema desta lógica está justamente no “nivelamento das identidades, que suprime as diferenças dos sujeitos que se relacionam”.

Stuart Hall (2014) nos lembra que as sociedades da modernidade são caracterizadas pela “diferença”, ou seja, são atravessadas por antagonismos que produzem uma variedade de identidades. Isso porque a identidade não existe em si mesma, uma vez que ela só pode ser pensada a partir da diferença. Entendemos que as relações que marcam as diferenças do “eu” com o “outro” são, quase sempre, hierárquicas, ou seja, podem ser configuradas como relações de poder, que estão sempre em disputa. Dessa forma, ao pensar o “outro-indígena”, o “eu-jornalismo/jornalista” incorre no erro de percebê-lo a partir de suas próprias perspectivas, com um olhar “eurocentrado”, que corrobora com a afirmação de uma “identidade branca”.

Entendemos que uma das formas de tentar reverter essa lógica é entender as percepções do próprio “outro-indígena” a respeito da cobertura jornalística feita pelo “eu-jornalismo/jornalista” sobre as questões que os envolvem. Para isso, partimos para uma primeira questão: Como os povos indígenas do Brasil percebem a cobertura sobre as questões que os envolvem? Para isso, recorreremos a entrevistas em profundidade, enquanto método, com representantes dessas populações. Um caminho inicial para a escolha dos mesmos é a Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib), que aglutina organizações indígenas de todos os estados.

A partir dessas percepções, pretendemos construir uma crítica para o aperfeiçoamento das práticas jornalísticas brasileiras. Acreditamos que esses olhares podem contribuir com uma práxis que rompa com o projeto de não-existência desses indivíduos, contemple os direitos dos povos indígenas e compreenda a complexidade de suas identidades. ■

¹ Dados da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib). Disponível em: <https://apiboficial.org/>. Acesso em: 20 maio 2021.

Referências

- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.
- DINES, A. **O papel do jornal**: uma releitura. 9 ed. São Paulo: Summus, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva & Guaciara Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo demográfico 2010**. Disponível em: <http://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 5 mar. 2019.
- KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- MEDINA, C. **Ciência e jornalismo**: da herança positivista ao diálogo dos afetos. São Paulo: Summus, 2008.
- RIBEIRO, D. **Os índios e a civilização**: a integração das populações indígenas no Brasil moderno. São Paulo: Global, 2017.
- SIQUEIRA, C. F.; BENETTI, M. Alteridade, outridade e jornalismo: do fenômeno à narração do modo de existência. **Brazilian Journalism Research**. Brasília, DF. v. 13, n. 2, p. 10-29, 2017. Disponível em: <https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/989>. Acesso em: 4 abr. 2022.

4 TEORIAS E HISTÓRIA DO JORNALISMO

Adoção e utilização de recursos de transparência como estratégia jornalística 56

■ **Kalianny Bezerra de Medeiros**

Tensionamentos entre plataformas e *agenda setting*: observações no Twitter 59

■ **Lia Gabriela Pagoto**

Imprensa e samba na história: relações entre jornalistas e sambistas (1920-1970) 61

■ **Matheus Lobo Pismel**

Notícia ou “publi”? conteúdo editorial pago e credibilidade jornalística 64

■ **Natália Huf**

Ética e credibilidade: a percepção de jornalistas e públicos sobre práticas do jornalismo brasileiro 66

■ **Raphaelle Batista**

Adoção e utilização de recursos de transparência como estratégia jornalística

Kalianny Bezerra de Medeiros . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:

Jornalismo; Transparência; Recursos de transparência; Estratégia.

Na medida em que a implementação de práticas jornalísticas mais transparentes é apontada como aliada no combate ao cenário de desinformação (BALOD; HAMELEERS, 2019), é importante destacar que a noção de transparência não é nova. De acordo com Hood (2006), a palavra passa a ser trabalhada em seu sentido moderno a partir das ideias do filósofo Jeremy Bentham, no final do século XVIII, que defendia que a publicização dos atos de um governo era a melhor forma de evitar abusos de poder. Dois séculos depois, na década de 1980, os debates em torno do tema ganham maior notoriedade ao passo em que é destacado enquanto indicador que ajuda a levar *accountability* às ações de órgãos públicos e privados (ZUCCOLOTTO; TEIXEIRA, 2019).

No campo do jornalismo, a noção de transparência tem recebido bastante atenção desde, pelo menos, o início dos anos 2000. Não significa, entretanto, que transparência seja um objeto fácil de ser apreendido ou que haja unanimidade em torno do seu conceito – que pode variar de acordo com o que se escolhe observar, veículo de imprensa, profissional, conteúdo. Estamos tratando, portanto, de um fenômeno “dinâmico, errático, multi-forme e multifatorial” (CHRISTOFOLETTI; PAUL; BECKER, 2021, p. 93).

Para Vos e Craft (2016), se há um sinônimo para a transparência ele seria o de “abertura”, em que veículos de imprensa e profissionais apresentam as razões para suas escolhas e como funcionam seus processos de trabalho. Acreditamos que esse é um bom primeiro passo para compreender a noção de transparência na imprensa, mas, como apontado, estamos falando de um conceito complexo, e ao pensá-lo a partir de um olhar de uma publicização dos processos de produção do conteúdo jornalístico, não podemos esquecer que tais atos são constituídos dentro de uma lógica de um sistema repleto de filtros. Ainda é necessário apontar que nem sempre a transparência do processo de construção da notícia será possível. E esses aspectos deixam evidente uma natureza paradoxal da transparência jornalística (PERDOMO; RODRIGUES-ROULEAU, 2021; MEIER; TRAPPEL, 2022).

Optamos por destacar a adoção da transparência jornalística enquanto uma estratégia, já que partem de uma proposta de esclarecimento de determinadas ações do veículo de imprensa e seus profissionais para alcançar algum objetivo. A partir desse quadro geral, a pesquisa busca investigar e comparar a utilização de práticas jornalísticas transparentes desenvolvidas pelos veículos de imprensa *The Intercept Brasil* e *Agência Pública* de maneira a se constituir em uma resposta à desinformação. Para isso, primeiramente, será necessário identificar, a partir de parâmetros e indicadores desenvolvidos, se existem e quais são os instrumentos de transparência adotados pelos veículos elencados. Em seguida, buscaremos compreender o(s) propósito(s) para adoção desses recursos de transparência; e, por fim, examinar como a imprensa entende seu papel no combate a desinformação, e se há intencionalidade de combater a desinformação quando esses veículos adotam práticas mais transparentes. ■

Referências

- BALOD, H. S.; HAMELEERS, M. Fighting for truth? The role perceptions of Filipino journalists in an era of mis- and disinformation. **Journalism**, v. 22, n. 9, p. 1-18, jul., 2019. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884919865109>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- CHRISTOFOLETTI, R.; PAUL, D.; BECKER, D. Transparência e ética jornalística: análise de códigos deontológicos nos maiores mercados de notícia latino-americanos. **Revista Fronteiras – Estudos Midiático**, São Leopoldo, v. 23, n. 3, p. 91-103, set/dez., 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/23023>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- HOOD, C. Transparency in historical perspective. In: HOOD, C.; HEALD, D. (Eds.). **Transparency: the key to better governance**. Nova York: Oxford University Press, 2006.
- MEIER, W. A.; TRAPPEL, J. Media transparency: comparing how leading news media balance the need for transparency with professional ethics. In: Trappel, J., & Tomaz, T., (org). **Success and failure in news media performance: Comparative analysis in the Media for Democracy Monitor 2021**. 1 ed, Gothenburg: Nordicom, University of Gothenburg, 2022.
- PERDOMO, G; RODRIGUES-ROULEAU, P. Transparency as metajournalistic performance: The New York Times' Caliphate podcast and new ways to claim journalistic authority. **Journalism**, v. 0, n. 0, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884921997312>. Acesso em: 18 jul. 2022.
- VOS, T. P.; CRAFT, S. The discursive construction of journalistic transparency. **Journalism Studies**, v. 18, n. 12, p. 1505-1522, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/1461670X.2015.1135754>. Acesso em: 6 dez. 2020.
- ZUCCOLOTTO, R.; TEIXEIRA, M. A. **Transparência: aspectos conceituais e avanços no contexto brasileiro**. Brasília: Enap, 2019.

Tensionamentos entre plataformas e *agenda setting*: observações no Twitter

Lia Gabriela Pagoto . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Agenda setting; Twitter; Jornalismo; Plataformização.

O franco estabelecimento do processo de plataformização trouxe consigo alterações significativas nas práticas de interação social. A produção, circulação e o consumo de conteúdos são cada vez mais determinados pelas interações entre plataformas e usuários. Por estarem no cerne das relações contemporâneas, elas têm moldado a forma como nos relacionamos com as notícias e com a instituição Jornalismo e suas epistemes. Em um cenário anterior, os *media* forneciam notícias de maneira ampla e homogênea, atuando como tradutores simbólicos do mundo exterior. Na sociedade atravessada pelas plataformas, sob a égide da otimização da experiência do usuário, essa curadoria é compartilhada com os códigos de linguagem algorítmica que realizam a seleção das informações nesses ambientes.

Ao direcionar as novas formas de consumo de notícias, se imbricando na mediação entre jornalistas, públicos, redações e produtos de mídia, essas infraestruturas atuam como coadjuvantes no processo de deslocamento da capacidade de imposição de uma visão legítima do mundo social pelo jornalismo, em uma toada que também impacta uma prática há muito estudada pela área: o agendamento. Nesse sentido, o principal objetivo desta tese de doutorado é analisar como esses novos arranjos de circula-

ção da informação na sociedade das plataformas tensionam a capacidade de indexação de temas na agenda pública, segundo o modelo da *Agenda Setting* (MCCOMBS; SHAW, 1972).

O objeto empírico é composto por uma análise longitudinal, realizada no Twitter, durante seis semanas no ano de 2022. Utilizaremos uma metodologia mista que combina métodos digitais para coleta de dados e análise de redes sociais para discussão. A pesquisa também conta com objetivos específicos, definidos por: a) observar, dentro do recorte pretendido, as dinâmicas do debate digital e quais os principais atores digitais atuantes; b) identificar a maneira como é desencadeado o processo de indexação de temas na agenda pública em um ambiente mediado por algoritmos; c) verificar como o cenário político brasileiro, aliado aos formatos de circulação e consumo informacional nas redes sociais, implica em um deslocamento da instituição jornalística como fonte legítima de informação; e d) discutir a convergência entre as mediações algorítmicas e os novos arranjos de agendamento em ambientes plataformizados.

As etapas metodológicas subdividem-se em análise teórica e prática empírica, ainda que não adotemos a perspectiva de dissociação dessas duas fases. Em relação à reflexão teórica, empreenderemos estudos sobre plataformas, plataformização e mediações algorítmicas sob o escopo da Teoria da *Agenda Setting*. O estado da arte embasa a discussão teórica. O estudo empírico consistirá em: 1) identificação da agenda midiática semanal a partir da raspagem dos posts no Twitter dos veículos que compõem o corpus de análise – nove veículos de comunicação com proeminência e alto engajamento na rede, medidos aqui pelo número de seguidores (mais de 500 mil), postagens diárias (≥ 50 tweets/dia) e índice de *retweets* das mensagens postadas pelo perfil ($\geq 75\%$) – e da criação de uma rede semântica de palavras com todos os textos tuitados; 2) observação da repercussão da agenda entre os usuários do Twitter, mediante a raspagem de conversações, por palavra-chave, pelo software Netlytic; e 3) observação da conformação de agendas através da observação dos *trending topics* do Twitter. Como resultados esperamos encontrar as variáveis que, em um cenário de plataformização, interferem e reconfiguram o processo de agendamento vigente. Além de apontar essas respostas, a pesquisa também procura trazer contribuições para pensar sobre o papel dos ambientes mediados por algoritmos em uma sociedade democrática. ■

Referência

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly**, Oxford, v. 36, n. 2, Summer, 1972.

Imprensa e samba na história: relações entre jornalistas e sambistas (1920-1970)

Matheus Lobo Pismel . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Daisi Vogel
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Repórteres do samba; História da imprensa; História do jornalismo; Samba; Música popular.

Este trabalho se assenta no seguinte problema de pesquisa: quais as características das relações sociais entre repórteres e sambistas entre os anos de 1920 e 1970 no Rio de Janeiro? A partir de revisão bibliográfica e pesquisa histórica, em primeiro lugar, procuro mapear e categorizar os jornalistas e respectivos diários que se dedicaram à cobertura do samba urbano carioca no referido período. Em seguida, o esforço é de compreender a dinâmica das interações entre tais repórteres e sambistas (como fontes jornalísticas, mas também parceiros de composição, por exemplo) em sua historicidade.

A pesquisa busca se inserir no campo da história da imprensa e, neste ponto, ancora-se nas reflexões de Barbosa (2005; 2007; 2018). De modo mais amplo, em consonância com Figaro (2015), o alicerce está no materialismo histórico de autores como Walter Benjamin (2012). Procuro também me apropriar dos “jogos de escala” propostos pela micro-história (REVEL, 1998).

A investigação começa pelas questões internas do jornalismo e avança até as interações com o samba. Em diálogo com a área da Comunicação, o ponto de partida se encontra nas pesquisas de Coutinho (2006), sobre os cronistas carnavalescos da Primeira República.

Provisoriamente, foram selecionados os seguintes diários como corpus: *Correio da Manhã*, *O Dia*, *Gazeta de Notícias*, *A Luta Democrática*, *Última Hora*, *Diário Carioca*, *Jornal do Brasil* e *O Globo*. Também serão analisadas biografias (de indivíduos ou de grupos como escolas de samba), acervos e museus. Os vestígios encontrados, postos em relação com a bibliografia e os referenciais teóricos, devem compor o mosaico das relações sociais entre repórteres e sambistas no período analisado.

A escolha por começar pela década de 1920 se deve à gênese do samba urbano e das escolas de samba. Em tal período, os cronistas carnavalescos foram figuras centrais das festas populares, atuando como mediadores culturais (COUTINHO, 2006). Já na década de 1970, conforme Coutinho (2006), Lopes e Simas (2020) e Sérgio Cabral, em entrevista para Marques (2007), os cronistas do samba perderam espaço nos jornais. Ao mesmo tempo, foram gravados discos de compositores históricos, já em idade avançada, como Cartola e Nelson Cavaquinho, em um movimento de valorização do samba tradicional.

É oportuno delinear também o recorte dado para jornalistas e sambistas nesta pesquisa. No primeiro grupo, estão repórteres de diários, os quais também podem ser considerados cronistas, dependendo da época. São figuras que, com alguma sistematicidade, produziram notícias, reportagens, entrevistas, notas e crônicas sobre o universo do samba, sem reduzi-lo a casos de polícia ou mero entretenimento. Não se confundem com críticos musicais especializados, fenômeno mais recente.

No caso dos sambistas, a perspectiva é a de Lopes e Simas (2020, p. 271). Sambista é “cantor, compositor, percussionista ou dançarino cuja atuação e/ou notoriedade se dão a partir ou por força de uma agremiação ou núcleo difusor de samba. [...] A condição de sambista pressupõe pertencimento ao mundo samba”. Para os fins da pesquisa, o foco recai sobre os compositores, por sua centralidade na história do gênero.

Por um lado, a pesquisa se justifica pela possível contribuição ao campo acadêmico do jornalismo, em particular na área da história da imprensa; por outro, pela relevância social de se investigar a produção de sujeitos (tanto sambistas quanto repórteres) que foram marginalizados e/ou esquecidos pela história oficial. ■

Referências

- BARBOSA, M. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo**. Rio de Janeiro, n. 12, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufrj.br/contracampo/article/view/17385>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BARBOSA, M. **Histórica Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, M. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 41, n. 2, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/HrBPMcDhTbS7DQTyXcKFRrM/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- COUTINHO, E. G.. **Os cronistas de Momo: imprensa e carnaval na Primeira República**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- FIGARO, R. O(s) método(s) histórico(s) nas pesquisas em comunicação. **Matrizes**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 143-164, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/111721>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- LOPES, N.; SIMAS L. A. **Dicionário da história social do samba**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- MARQUES, J. R. A imprensa e o carnaval carioca. **Observatório da Imprensa**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitas/a-imprensa-e-o-carnaval-carioca/>. Acesso em: 12 nov. 2022.
- REVEL, J. Microanálise e construção do social. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998, p. 15-38.

Notícia ou “publi”?

Conteúdo editorial pago e credibilidade jornalística

Natália Huf . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti

Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:

Jornalismo; Conteúdo editorial pago; Credibilidade jornalística; Jornalismo de marca.

Já consolidado na mídia brasileira, o conteúdo editorial pago é um formato de anúncio que faz parte das estratégias de *branding* de organizações de diversos portes e setores. Ações de *branded content* são aquelas que têm como finalidade principal não a venda de um produto ou serviço – que se torna um objetivo secundário –, mas o fortalecimento da relação da marca com seu público-alvo por meio de conteúdos informativos, educativos ou de entretenimento (MOURA, 2021; ASMUSSEN et al., 2016). Entre as várias possibilidades de conteúdo de marca está a produção de materiais patrocinados em jornais, portais online, revistas, programas de rádio, telejornais, etc. Esses materiais são desenvolvidos a partir do formato de matérias noticiosas, porém, são financiados e/ou endossados por terceiros (as empresas anunciantes) (HARDY, 2021). Embora a publicidade tenha convivido lado a lado com o jornalismo desde o século XIX, a produção de conteúdo editorial patrocinado é uma estratégia publicitária que se apropria das técnicas jornalísticas e que “camufla” o anúncio, tornando-o parte de um material aparentemente noticioso. Nas últimas duas décadas, empresas jornalísticas têm criado seus próprios departamentos de produção de conteúdo pago (CARVAJAL; BA-

RINAGARREMENTERIA, 2021), mobilizando jornalistas contratados e freelancers para o desenvolvimento desses materiais, o que tem contribuído para a hibridação profissional entre jornalismo, marketing e publicidade (SCHMITZ, 2017). Nesse contexto, esta pesquisa tem como objetivo compreender o cenário de produção de conteúdo pago a partir da análise de cinco jornais, um de cada região do país, e de entrevistas com jornalistas e anunciantes, buscando responder à seguinte pergunta: como a veiculação de materiais editoriais pagos afeta a credibilidade dos veículos? ■

Referências

ASMUSSEN, Bjoern et al. **Defining Branded Content for the Digital Age: The industry experts' views on branded content as a new marketing communications concept.** London: BCMA/Oxford Brookes University/IPSOS Mori, jun. 2016.

CARVAJAL, Miguel; BARINAGARREMENTERIA, Iker. The Creation of Branded Content Teams in Spanish News Organizations and Their Implications for Structures, Professional Roles and Ethics. **Digital Journalism**, [S.L.], v. 9, n. 7, p. 887-907, 20 jul. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2021.1919535>. Acesso em: 30 out. 2022.

HARDY, Jonathan. Sponsored Editorial Content in Digital Journalism: mapping the merging of media and marketing. **Digital Journalism**, [S.L.], v. 9, n. 7, p. 865-886, 9 ago. 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/21670811.2021.1957970>. Acesso em: 30 out. 2022.

MOURA, Leonardo. **Conteúdo de marca: os fundamentos e a prática do branded content.** São Paulo: Summus Editorial, 2021.

SCHMITZ, Aldo. A migração dos jornalistas para o marketing de conteúdo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 15., 2017, São Paulo. **Anais [...]**, Brasília: Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2017. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2017/paper/view/740/354>. Acesso em: 12 fev. 2022.

Ética e credibilidade: a percepção de jornalistas e públicos sobre práticas do jornalismo brasileiro

Raphaelle Batista . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:

Ética; Credibilidade; Públicos; Jornalistas; Discurso.

As práticas jornalísticas e seus valores referenciais sempre foram objeto de crítica. Na medida em que o jornalismo ascende à condição de profissão, na segunda metade do século XIX, vão surgindo regras deontológicas que postulam os princípios do que seria um bom trabalho jornalístico (CORNU, 1998). Mesmo sem a garantia de que serão observadas, essas regras são incorporadas à cultura profissional, funcionando como espécies de gramáticas que tentam ordenar condutas e definir padrões de ação para os profissionais (CHRISTOFOLETTI, 2011). Num contexto de desinformação (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017) e queda da confiança nas instituições sociais, o jornalismo vive uma crise complexa, dinâmica e multifacetada (CHRISTOFOLETTI, 2019), marcada por profundas transformações no mundo do trabalho (FIGARO; NONATO; GROHMANN, 2013) e pela queda de sua credibilidade (EDELMAN TRUST BAROMETER, 2022; NEWMAN et al., 2022). Ao mesmo tempo, dada a natureza dinâmica da própria sociedade, a ética e seus pressupostos mudam (SÁNCHEZ VÁSQUEZ, 2003; KARAM, 2014), e com a ética jornalística não é diferente (WARD, 2009).

Diante desse cenário, a proposta é investigar as percepções de jornalistas e públicos de oito organizações jornalísticas de Fortaleza

(CE) e Florianópolis (SC), tanto da mídia convencional quanto da mídia independente, sobre a relação entre ética e credibilidade a partir das práticas do jornalismo brasileiro. De caráter exploratório e qualitativo, a pesquisa tem abordagem teórico-metodológica ancorada em conceitos da Análise do Discurso, como Ethos Discursivo (AMOSSY, 2019; MAINGUENEAU, 2008), Interdiscurso e Formações Discursivas (FOUCAULT, 1970). Dividida em três etapas, inclui diferentes métodos para coleta de dados. Na primeira fase, a aplicação de surveys (EVANS; MATHUR, 2005) com os profissionais e os públicos; na segunda, grupos focais (COSTA, 2005) com uma amostra a ser definida entre os respondentes dos públicos; e, na terceira, entrevistas em profundidade (DUARTE; BARROS, 2015) com amostra dos jornalistas. ■

Referências

AMOSSY, R. (org.). **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2019.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.

CHRISTOFOLETTI, R. **A crise do jornalismo tem solução?** Estação das Letras e Cores, 2019, Edição Kindle, Não Paginada.

CHRISTOFOLETTI, R. Valores, ordenamentos de conduta e subsistência do jornalismo. In: Encontro Anual da Compós, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: Compós, 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2011/papers/valores--ordenamentos-de-conduta-e-subsistencia-do-jornalismo>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CORNU, D. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

COSTA, M. E. B. Grupo Focal. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

EDELMAN TRUST BAROMETER. **Relatório**, 2022. Disponível em <https://www.edelman.com/trust/2022-trust-barometer>. Acesso em: 20 fev. 2022.

EVANS, J. R.; MATHUR, A. The value of online survey. **Internet Research**, v. 15, n. 2, p. 195-219, 2005.

FÍGARO, Roseli; NONATO, C., GROHMANN, R. **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Atlas, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2019. Kindle, edição não paginada.

KARAM, F. J. C. **Jornalismo, ética e liberdade**. São Paulo: Summus, 2014.

MAINGUENEAU, D. **A propósito do ethos**. Tradução de Luciana Salgado. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. (org.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

NEWMAN, N. et al. **Digital News Report 2022**. Reino Unido: Reuters Institute, 2022. Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf. Acesso em: 18 jul. 2022.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. **Ética**. 24 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder**: toward an interdisciplinary framework for research and policy making. Council of Europe, 2017. Disponível em <https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-forresearch/168076277c>. Acesso em: 10 fev. 2020.

WARD, S. Journalism ethics. In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T (eds). **The handbook of journalism studies**. Routledge: New York, 2009, p. 3-16.

5 JORNALISMO EM SITUAÇÕES DE CRISE

Intencionalidade fotográfica
na cobertura fotojornalística do apagão no Amapá 70
■ **Jhenni Suelen Costa Quaresma**

Tensionamentos no jornalismo científico
após a pandemia de covid-19 73
■ **Luiza Mylena Costa Silva**

Abordagem jornalística sobre direitos humanos
de crianças durante a pandemia 76
■ **Lynara Ojeda**

Crise organizacional como acontecimento público:
a cobertura do caso Brumadinho 79
■ **Wagner Rodrigo Arratia Concha**

Intencionalidade fotográfica na cobertura fotojornalística do apagão no Amapá

Jhenni Suelen Costa Quaresma . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Fotografia; Fotojornalismo; Intencionalidade; Apagão no Amapá.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a cobertura fotográfica do apagão ocorrido no estado do Amapá em 2020, a partir de conceitos em torno do processo de construção de imagens jornalísticas. Com suporte da metodologia de desconstrução analítica proposta por Paulo César Boni, da análise iconológica de Boris Kossov e das contribuições em semiótica de Roland Barthes, busco analisar um número de fotografias jornalísticas produzidas durante o evento.

Na noite do dia 03 de novembro de 2020, o Estado do Amapá, no extremo norte do Brasil, enfrentou um apagão elétrico total quando o transformador 1 da LMTE (Linhas Macapá de Transporte e Energia) foi atingido por uma explosão, que provocou danos também no transformador 2. Às 20h48, 13 dos 16 municípios tiveram o fornecimento interrompido, incluindo a capital Macapá.

O que se imaginava ser apenas mais uma queda de energia temporária, mostrou-se, com o nascer do Sol, o início de uma crise humanitária que atravessaria o Estado durante dias, mesmo após o retorno da energia elétrica. Em busca de investigar e registrar os momentos que atravessavam a população amapaense, profissionais estavam em campo e construíam fotografias das situações. Sendo parte do número de fotógrafos que

percorriam os municípios ao longo dos 22 dias de crise energética, me deparei com cenários que traziam novos questionamentos sobre produzir fotografias, especialmente fotojornalísticas.

Em diversos momentos, me questionei sobre o fluxo da produção e distribuição de imagens e, sobretudo, como essas imagens eram criadas. Ângulos, planos, iluminação, equipamentos e repertório de quem se colocava em campo. Ao longo do extenso mês de novembro de 2020, dividido entre dias de completa escuridão, dias de rodízios de energia e dias de luz, muitas imagens foram produzidas e compartilhadas com o Brasil e o mundo.

Diante deste contexto, o objetivo deste trabalho é analisar, a partir de seis fotografias produzidas durante o evento, as diferenças entre coberturas fotojornalísticas produzidas por fotógrafos locais (amapaenses) e fotógrafos enviados, para responder como a intencionalidade fotográfica se manifestou a partir de diferentes sujeitos, bem como apresentar os desdobramentos em seus contrastes narrativos.

Parto de uma hipótese que apresenta narrativas imagéticas diferentes entre profissionais locais e enviados, já que o primeiro grupo, segundo análises prévias, pautou o acontecimento sobre uma ótica muito mais próxima, sensível e atravessada pelos acontecimentos, enquanto o segundo grupo se colocou mais próximo de narrativas imagéticas globais e ampliadas do evento, inserindo-o num mapa econômico e político que discute sobre crise e privatização no setor elétrico brasileiro.

Meu plano metodológico encontra suporte na desconstrução analítica (BONI, 2000) para tratar de questões da linguagem fotográfica e da intencionalidade do profissional fotógrafo, na análise iconológica de Boris Kossov (2012), para discutir sobre a fotografia de imprensa e sua construção no campo mais sensível do processo fotográfico, e nas contribuições semióticas de Roland Barthes (2018), para ampliar a discussão sobre os olhares de diferentes sujeitos.

A primeira etapa do processo concentra-se na revisão de literatura sobre o tema e no levantamento de imagens do evento, buscando delimitar fotografias produzidas em diferentes momentos do apagão para compor o corpus da pesquisa. O processo será realizado a partir de pesquisas em veículos de comunicação locais e nacionais.

A segunda etapa do processo concentra-se na análise das imagens selecionadas, utilizando os autores citados e outros pertinentes ao processo. Além disso, a pesquisa propõe a realização de entrevistas com profissionais que estiveram presentes na cobertura e produziram as imagens fotojornalísticas utilizadas em análise. ■

Referências

BONI, Paulo Cesar. **Discurso fotográfico**: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2012.

SONTAG, Susan. **Ensaio sobre a fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo Ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

Tensionamentos no jornalismo científico após a pandemia de covid-19

Luiza Mylena Costa Silva . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Samuel Pantoja Lima
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:
Jornalismo científico; Pandemia; Transformações no jornalismo.

O dia 11 de março de 2020 marca oficialmente o início da pandemia de covid-19, após declaração da Organização Mundial da Saúde (OMS). Apesar dos quase 3 meses que separaram o anúncio do primeiro caso de infecção pelo coronavírus do mundo, em 17 de novembro de 2019, do primeiro caso de infecção brasileira, em 25 de fevereiro de 2020, o país não estava preparado para o que viria. Nem do ponto de vista sanitário nem do ponto de vista jornalístico.

Num cenário em que menos de 10% das faculdades de jornalismo incluem a disciplina de jornalismo científico na sua grade curricular (BUENO, 2012), é fácil imaginar que os profissionais nas redações também não estavam prontos para a enxurrada de informações que passou a ser produzida por cientistas, médicos e especialistas sobre o vírus SARS-CoV-2 e suas consequências. Nunca se produziu tantos trabalhos científicos sobre um tema quanto sobre a pandemia. O que trouxe aspectos positivos também abriu margem para práticas pseudocientíficas, com a divulgação de artigos sem validade científica, culminando em desinformação e, até mesmo, em vidas perdidas.

Rotina jornalística na pandemia

Se por um lado o conteúdo jornalístico retomou seus índices de audiência e confiança, por outro, não há como ignorar que a rotina jornalística foi impactada pela combinação do distanciamento social e a necessidade de aprofundar as investigações, além de um contexto de aprendizado no uso de ferramentas técnicas. Percebe-se nesses novos desafios, um conjunto de atribuições que incrementam o *newsmaking* na rotina de produção, que já vinha sendo reconfigurado desde a popularização dos meios digitais – ponto que deve ser aprofundado durante a pesquisa. Ademais, a pandemia representou uma transformação nas relações trabalhistas, aumento na jornada de trabalho, trabalho remoto e, conseqüentemente, impactos na saúde mental dos jornalistas (FIGARO et al, 2020; LARA; HILLESHEIM, 2021).

Tendo em vista esses aspectos, e apoiada nos estudos de Charron e Bonville (2016) sobre transformações do jornalismo, um dos objetivos da pesquisa é compreender como as reconfigurações do trabalho jornalístico interagem com as atribuições associadas ao jornalismo pautado em ciência durante a pandemia.

Jornalismo científico e os contextos da pandemia

Partindo da perspectiva que o jornalismo científico se configura na prática do jornalismo que utiliza fontes científicas – seja de pessoas ou trabalhos científicos – em suas produções noticiosas, entendo que o jornalismo pautado em ciência não se limita a editoriais ou veículos especializados.

Neste sentido, um dos pontos de análise, sobre novos aspectos sobre o jornalismo científico pós-pandemia, estará focado em como (e se) a cobertura jornalística pautada na ciência possibilitou a democratização da ciência para diferentes públicos e suas realidades.

Objeto e problema de pesquisa

O objeto desta pesquisa é as transformações no jornalismo pautado em ciência a partir da cobertura da covid-19, focando, sobretudo, nos desafios profissionais e nas interações que se estabeleceram entre os campos jornalístico e científico na produção do conhecimento jornalístico.

Assim, o problema de pesquisa emerge do questionamento: quais foram as transformações no jornalismo impostas pelo cenário de pandemia, vivenciado pelos(as) jornalistas brasileiros(as), e de que maneira elas alteraram as relações entre o jornalismo e a ciência na produção do conhecimento jornalístico? ■

Referências

BUENO, W. A formação do jornalista científico deve incorporar uma perspectiva crítica. **Diálogos & Ciência**. Ano 10, n. 29, mar. 2012.

CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e transformação do jornalismo**. Organizadores: Zélia Leal Adghirni e Fábio Henrique Pereira. Colaboração Dione Oliveira Moura. Série Jornalismo e Sociedade. Vol. 3. Florianópolis: Insular, 2016. 400p.

FIGARO, R.; BARROS, J. V.; SILVA, N. R.; CAMARGO, C. A.; SILVA, A. F. a M.; MOLIANI, J. A.; OLIVEIRA, D. F. de. Como trabalham os comunicadores na pandemia da Covid-19? **Revista Jurídica Trabalho e Desenvolvimento Humano**, Campinas, EDIÇÃO ESPECIAL – DOSSIÊ COVID-19, p. 1-39, 2020.

LARA, R.; HILLESHEIM, J. Modernização trabalhista em contexto de crise econômica, política e sanitária. **Pandemia, políticas públicas e sociedade** [recurso eletrônico] / organização Luziele Tapajós ... [et al.]. - 1. ed. - Florianópolis [SC] : Emais, 2021.

Abordagem jornalística sobre direitos humanos de crianças durante a pandemia

Lynara Ojeda . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Jorge Kanehide Ijuim

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Jornalismo; Direitos humanos; Crianças e adolescentes; Crise sanitária.

Embora existam leis e acordos internacionais que indicam os direitos humanos como um conceito central para a manutenção da dignidade do indivíduo, muitas pessoas ainda sofrem diversas violações. E mesmo não sendo possível criar níveis e critérios de direitos humanos mais ou menos violados, dentro da realidade brasileira, alguns segmentos têm mais urgência em suas demandas, como é o caso da população infanto-juvenil, que é o foco da pesquisa. Rossato et al. (2017) contextualizam que crianças e adolescentes, por serem pessoas em desenvolvimento, fazem jus a um tratamento diferenciado no que se refere à proteção de seus direitos humanos, “sendo correto afirmar, então, que são possuidoras de mais direitos que os próprios adultos” (ROSSATO et al., 2017, p. 39). O entendimento acerca da infância e adolescência como fase da vida que requer proteção integral ganha visibilidade mais acentuada a partir da Convenção da Criança, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1989.

Porém, diferentemente do que a legislação determina, nem sempre a dignidade da população infanto-juvenil é garantida. Dados da ONU mostram que a cada cinco minutos, uma criança morre vítima de violência no mundo. No período entre 2010 e 2020, pelo menos 103.149 crianças e adolescentes com idades de até 19 anos morreram no Brasil, vítimas de agressão, segundo levantamento divulgado pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Do total, cerca de 2 mil vítimas tinham menos de 4 anos. Agravando tal contexto de violações de direitos, em 2020 o mundo se viu diante de uma pandemia global de covid-19, definida pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. Até o mês de julho de 2022, o Brasil registrou mais de 33,7 milhões de casos de covid-19 e 677 mil mortes, os impactos sanitários do novo coronavírus sobre a população brasileira são trágicos e ultrapassam as áreas biomédica e epidemiológica.

Diante desses dados, observo um descompasso entre o preconizado pelas legislações e o que tem acontecido na prática, sobretudo com os impactos sociais da pandemia de covid-19. Nesse contexto, o trabalho jornalístico tem a capacidade de exercer importante papel na defesa dos direitos humanos, por meio de denúncias de violações, da fiscalização da atuação do Estado na garantia de políticas públicas e, sobretudo, na promoção de debate público qualificado na sociedade. Criseli Montipó (2020) indica que o jornalismo tem fortes relações com os direitos humanos. Segundo a pesquisadora, é a narrativa jornalística que “conta o cotidiano das cidades, do campo, dos sertões, territórios da cidadania. São nesses espaços em que estão em jogo os fatos, a rotina das pessoas, seus fazeres, seus viveres. No trabalho dos profissionais da informação os deveres e os direitos são panos de fundo perenes, contados cotidianamente” (MONTIPÓ, 2020, p. 20).

Assim, a atividade exerce cotidianamente um papel de aproximação entre cidadãos e cidadãos de seus direitos fundamentais, o que implica reconhecer que “jornalismo, cidadania e direitos humanos foram construídos historicamente e estão socialmente intercambiados” (MONTIPÓ, 2020, p. 40). Ao considerar a função de narrar acontecimentos, é possível observar que jornais atuam na divulgação de informações e violações de direitos humanos muitas vezes, até então, desconhecidas por parcela da sociedade, o que pode desencadear a sensibilização dos indivíduos diante dos fatos.

A partir dessas reflexões, esta pesquisa pretende fazer a análise crítica da narrativa de reportagens sobre direitos humanos de crianças e adolescentes veiculadas nos jornais online *Folha de S.Paulo* e *Agência*

Pública, no período em que o Brasil esteve sob decreto de calamidade pública em função da pandemia de covid-19 – 18 de março de 2020 a 23 de maio de 2022. Após as análises, selecionar e realizar entrevistas semiabertas com profissionais que atuam nas duas redações. Proponho, a partir do cruzamento das análises e das respostas dos entrevistados, a reflexão e discussão teórica sobre o que jornalistas brasileiros compreendem como direitos humanos de crianças e adolescentes. ■

Referências

MONTIPÓ, C. M. **Sentidos de cidadania e direitos humanos na práxis de repórteres**. 2020. 347f. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

ROSSATO, L. A. et al. **Estatuto da criança e do adolescente**: comentado artigo por artigo. São Paulo: Saraiva, 2017.

Crise organizacional como acontecimento público: a cobertura do caso Brumadinho

Wagner Rodrigo Arratia Concha . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Maria Terezinha da Silva
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Acontecimento público; Brumadinho; Cobertura jornalística;
Crise organizacional; Visibilidade midiática.

Crise no contexto das organizações é uma ruptura na normalidade (FORNI, 2019), uma catástrofe que provoca devastação tangível ou intangível (ARGENTI, 2006) ou a percepção de um evento imprevisível (COOMBS, 2015). Para Morin (1984), porém, a crise é um revelador, um efetor (põe em movimento forças de transformação), se inter-relaciona com noções de perturbação, aumento de desordens, bloqueio e desbloqueio, e cria condições novas para ação, mudança e evolução. Segundo Koerber (2020), há uma relação simbiótica entre os meios de comunicação de massa e a crise, já que a mídia é o local para o desenvolvimento e a circulação de discursos; ela ajuda a construir narrativas de organizações e depois reporta sobre rupturas (crises) nessas narrativas; e chama a atenção para eventos específicos e decide o que incluir nessas histórias, afetando como a crise é percebida.

Pesquisas sobre crise no Brasil têm um viés organizacional, preocupam-se com a comunicação da organização em crise e com a elaboração de manuais, planos ou monitoramentos. Publicações destacam a importância do relacionamento da organização com a imprensa, mas

não consideram conteúdos jornalísticos em suas análises empíricas – quando fazem, a amostragem é de curto prazo.

Assim, abordaremos a crise em sua complexidade própria (MORIN, 1984), como consequência de um acontecimento público que irrompe e desequilibra rotinas políticas, sociais e midiáticas (WEBER; LOCATELLI, 2022). A partir de conceitos como acontecimento (QUÉRÉ, 2005), situação problemática (CEFAÏ, 2017), visibilidade midiática e deliberação pública (MAIA, 2008), pretendemos compreender como o Jornalismo acompanha o processo de *accountability* (MAIA, 2006) do acontecimento público causado pelo rompimento da barragem da Vale, em Brumadinho (MG), em 2019 (CARNIELLI, 2021).

Quatro hipóteses são propostas para identificar, numa análise de conteúdo qualitativa (ELO et al., 2014), enquadramentos (AN; GOWER, 2009), fontes (NOVAK; VIDOLOFF, 2011), nível de transparência da comunicação organizacional (LOCATELLI, 2019) e papéis profissionais de jornalistas (MELLADO, 2021), bem como compreender variações ao longo do tempo. O objeto empírico a ser analisado longitudinalmente está em fase de definição. ■

Referências

AN, Seon-Kyoung; GOWER, Karla K. How do the news media frame crises? A content analysis of crisis news coverage. **Public Relations Review**, v. 35, n. 2, p. 107–112, 2009. doi:10.1016/j.pubrev.2009.01.010.

ARGENTI, Paul A. **Comunicação empresarial: a construção da identidade, imagem e reputação**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier; Campus, 2006.

CARNIELLI, Fiorenza. **Comunicação pública e comunicação cínica na trama acontecimental das tragédias de Mariana e Brumadinho**. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/231841>. Acesso em: 1 nov. 2022.

CEFAÏ, Daniel. Públicos, problemas públicos, arenas públicas...: o que nos ensina o pragmatismo (parte 1). **Novos Estudos - CEBRAP**, v. 36, n. 1, p. 187–213, 2017. <https://www.scielo.br/j/nec/a/zdyH9SGqnWm5LwrV7MT4k9M/abstract/?lang=pt>.

COOMBS, W. Timothy. Ongoing crisis communication: planning, managing, and responding. 4. ed. Thousand Oaks: Sage, 2015.

ELO, Satu et al. Qualitative content analysis: a focus on trustworthiness. **SAGE Open**, v. 4, n. 1, 1-10, 2014. <https://doi.org/10.1177/2158244014522633>.

FORNI, João José. **Gestão de crises e comunicação**: o que gestores e profissionais de comunicação precisam saber para enfrentar crises corporativas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2019.

KOERBER, Duncan. Mass media and their symbiotic relationship with crisis. In: FRANSEN, F.; JOHANSEN, W. (org.). **Crisis communication**. Berlim: De Gruyter Mouton, 2020, p. 493–508.

LOCATELLI, Carlos. Transparência em organizações: modelo dinâmico para pesquisa em situações de controvérsia pública. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais [...]**. Brasília: Compós, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos-2019/papers/transparencia-em-organizacaoes--modelo-dinamico-para-pesquisa-em-situacoes-de-controversia-publica>. Acesso em: 1 nov. 2022. p. 1–15.

MAIA, Rousiley. Mídia e diferentes dimensões da accountability. **E-Compós**, v. 7, p. 1-27, 2006. <https://doi.org/10.30962/ec.113>.

MAIA, Rousiley. Visibilidade midiática e deliberação pública. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M. (org.). **Comunicação e democracia**: problemas & perspectivas. São Paulo: Paulus, 2008, p. 165–194.

MELLADO, Claudia (org.). **Beyond journalistic norms**: role performance and news in comparative perspective. Nova York: Routledge, 2021.

MORIN, Edgar. **Sociologia**: a sociologia do microssocial ao macroplanetário. Lisboa: Publicações Europa América, 1984.

NOVAK, Julie M.; VIDOLOFF, Kathleen G. New frames on crisis: citizen journalism changing the dynamics of crisis communication. **International Journal of Mass Emergencies and Disasters**, v. 29, n. 3, p. 181–202, 2011. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/028072701102900301>. Acesso em: 1 nov. 2022.

QUÉRÉ, Louis. Entre facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, v. 6, p.59-75, 2005.

WEBER, Maria Helena; LOCATELLI, Carlos. Realidade e limites da pesquisa empírica em comunicação pública. **Matrizes**, v. 16, n. 1, p. 141–159, 2022. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v16i1p141-159>.

POLÍTICA E CIDADANIA

6

O conteúdo dos usuários na mídia alternativa:
efeitos da plataformização sobre o social 83

■ **Douglas Barbosa Gomes**

Jornalismo e a educação
contribuindo na formação do sujeito 86

■ **Ivone Ananias dos Santos Rocha**

Algoritmos e humanos: a cobertura do portal *G1*
das eleições municipais de 2020 89

■ **Matheus Costa**

A comunicação no centro da campanha eleitoral
para Presidência da República em 2022 92

■ **Renatha Giordani**

O conteúdo dos usuários na mídia alternativa: efeitos da plataformização sobre o social

Douglas Barbosa Gomes . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Conteúdo do usuário; Mídia alternativa; Plataformização; Participação; Mídias sociais.

A popularização da internet, dos dispositivos móveis e das plataformas de mídia social gerou oportunidades de participação aos usuários, afetando a mídia tradicional e a alternativa. Segundo Jenkins, Ford e Green (2015), a base do controle midiático, realizada por meio do modelo de *broadcast*, no qual um pequeno número de pessoas e conglomerados detêm o domínio da produção, foi diluído. Os fluxos de informação, portanto, tornaram-se menos polarizados e a informação passou a circular de forma mais distribuída, ainda que não o suficiente para acabar com a força de todos os monopólios midiáticos. Tendo em vista essa premissa, o objetivo desta pesquisa é investigar como a mídia alternativa utiliza o conteúdo gerado pelos usuários (CGU), especificamente os vídeos, em ambiências digitais a partir do fenômeno da plataformização. De que formas ocorrem as associações entre usuários e coletivos da mídia alternativa no contexto das plataformas de mídias sociais?

As estreitas associações entre a mídia alternativa e as plataformas de mídia social criaram outros níveis de narrativas e mobilizações, pois “[...] o valor jornalístico de mídias sociais ocupa um espectro que vai do indivíduo munido de uma informação importante – a testemunha

em primeira mão, o ‘*inside*’ – até a coletividade” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 42). Essas plataformas abrigam comunidades virtuais e disponibilizam ferramentas e espaços de deliberação que afetam como os indivíduos, tanto os jornalistas quanto os demais atores sociais, participam do processo comunicativo e democrático.

Com o intuito de identificar continuidades, potencializações e rupturas sobre os processos de participação dos usuários dessas plataformas na produção da mídia alternativa por meio do audiovisual, a metodologia utilizada neste estudo compreende uma síntese entre a revisão bibliográfica, a observação de casos múltiplos e a análise de conteúdo. Os objetos empíricos da pesquisa são as postagens de vídeos que contêm CGU divulgados durante o mês de outubro de 2022 nas contas de Instagram do *Jornalistas Livres* e do *Mídia NINJA*.

Foram delimitadas seis etapas distintas para a execução dos procedimentos metodológicos: 1) revisão bibliográfica; 2) delimitação dos objetos de estudo; 3) definição das hipóteses de trabalho de caso; 4) elaboração de categorias de análise; 5) processamento do material coletado; 6) construção das definições conceituais. Quanto ao percurso teórico aplicado, esse está focado em três conceitos centrais: a) mídia alternativa (DOWNING, 2002; PERUZZO, 2009; MOWBRAY, 2015; ATTON; HAMILTON, 2008); b) plataformização (LANGLOIS; ELMER, 2019; VAN DIJCK; POELL; DE WAAL, 2018); c) e CGU (ANDERSON; REVER, 2018; ROBINSON; WANG, 2018). Além desses conceitos, também são abordadas temáticas como democracia digital, inovações, processos e estruturas tecnológicas, dinâmicas sociocomunicativas na internet, experiências alternativas de produção e circulação de notícias. ■

Referências

- ANDERSON, C. W.; REVERS, M. From counter-power to counter-Pepe: the vagaries of participatory epistemology in a digital age. **Media and Communication**, v. 6, n. 4, p. 24-25, nov., 2018.
- ANDERSON, C. W.; BELL, E.; SHIRKY, C. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 30-89, 2013.
- ATTON, C.; HAMILTON, J. F. **Alternative journalism**. Sage, 2008.
- DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. 2 ed. São Paulo: Senac, 2002.
- JENKINS, H.; FORD, S.; GREEN, J. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2015.
- LANGLOIS, G.; ELMER, G. Impersonal subjectivation from platforms to infrastructures. **Media, Culture & Society**, v. 41, n. 2, p. 236-251, 2019.
- MOWBRAY, M. Alternative logics? Parsing the literature on alternative media. In: ATTON, Chris (org.). **The Routledge companion to alternative and community media**. Londres: Routledge, 2015. p. 39-49.
- PERUZZO, C. M. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a Imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, p. 131-146, jun., 2009.
- ROBINSON, S.; WANG, Y. Networked news participation: Future pathways. **Media and Communication**, v. 6, n. 4, p. 91-102, 2018.
- VAN DIJCK, J.; POELL, T.; DE WAAL, M. **The platform society: Public values in a connective world**. Oxford University Press, 2018.

Jornalismo e a educação contribuindo na formação do sujeito

Ivone Ananias dos Santos Rocha . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Tecnologia, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Jornalismo na escola; Educação midiática; BNCC; Educomunicação.

Há muito tempo tenho o desafio de atuar na ação do campo social da educação e tentar mostrar, por meio da pesquisa, que a solução para os problemas do mundo estaria na educação, sendo o jornalismo um importante aliado. Me deparo, de repente, com Edgar Morin (2015) afirmando que a ação é um desafio. E que quando temos a noção de desafio, temos a consciência de que ele é um risco e uma incerteza. E que tal incerteza deve ser estudada e discutida na perspectiva do cidadão, pensando seu repertório e, mais do que isso, ouvindo-o, dando a ele o protagonismo, pensamento defendido por Freire (2015), que também vê a ‘Educação como prática da Liberdade’. Esse pensamento dialoga com a educomunicação, cujas ações vão se transformando a partir de experimentos e vivências, como lembra Soares (2011). A educomunicação é um campo de intervenção social, que atua nas interfaces da educação e da comunicação, “permitindo um espaço de reconhecimento dos indivíduos que estão em movimento” (SOARES, 2000 apud ALMEIDA, 2010, p. 71).

Assim, a estruturação do estudo une o jornalismo à educação, visando a melhoria da qualidade de vida e a valorização da cidadania. Mas como tudo isso é complexo, e o pensamento complexo nos mo-

tiva a seguir adiante, é preciso desvendar novos horizontes na relação entre o sujeito e o objeto, entre “o universo físico e o universo biológico, assegurando a comunicação entre todas as partes do que nós nomeamos o real” (MORIN, 2015, p. 37). Portanto, trabalho de forma empírica essa relação, fundamentada por um arcabouço teórico metodológico, entendendo o sujeito como o educando e o objeto, a educação, potencializados com os instrumentos do jornalismo. A proposta é pesquisar o jornalismo como recurso pedagógico na melhoria da qualidade do ensino básico em escolas públicas, por meio do projeto Memórias em Rede.

O ‘Memórias em Rede’, desenvolvido pelo Instituto Devir Educom, é um projeto de construção coletiva em diferentes linguagens sobre peculiaridades de Santos, cidade do estado de São Paulo, a partir de narrativas de antigos moradores a adolescentes na função de ‘repórteres’, que revelam a relação sujeito-cidade. Os mecanismos de comunicação, como o jornal, o rádio, a TV e a internet, unidos à linguagem verbal, são os aliados para os vários discursos do projeto. “Pensar a linguagem como mediação é pensá-la ao mesmo tempo como feita de signos e ‘prelha de símbolos’, [...] o símbolo não se presta à fria análise das estruturas, mas reaquece e contamina tudo com o excesso e o conflito das interpretações” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 31).

O objetivo geral é entender a contribuição do projeto Memórias em Rede, e com ele o jornalismo, à escola pública. Recordamos aqui do jornal Mural, defendido por Freinet (1974), como o Correio da Escola, do período de 1914-1918, na Bélgica. Os objetivos específicos são analisar a relação da educação midiática na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) com o jornalismo; investigar como as escolas encaram o projeto Memórias em Rede em relação ao jornalismo, à educação midiática e à formação dos estudantes; e estudar os canais e plataformas jornalísticas utilizadas.

Os procedimentos metodológicos contemplam pesquisa com a gestão escolar; pesquisa observatória, do dia a dia da comunidade escolar; entrevista em profundidade, semiestruturada e semiaberta; e pesquisa bibliográfica, para mencionar alguns. ■

Referências

- ALMEIDA, A. F. Ismar de Oliveira Soares, Mediador Educomunicacional. **Anuário Unesco/ Metodista de Comunicação Regional**, v. 14, n.14, p. 67-78, 2010. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/AUM/article/view/2504/2466>. Acesso em: 29 out. 2022.
- FREINET, C. **O Jornal Escolar**. Novo Hamburgo: Estampa, 1974. 86 p. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5941882/mod_resource/content/1/103273811-o-Jornal-Escolar-Freinet-07042011.pdf. Acesso em: 19 ago. 2022.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- MARTIN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em 19 ago. 2022.
- MORIN, E. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- SOARES, I. O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: Contribuições para a reforma do Ensino Médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

Algoritmos e humanos: a cobertura do portal *G1* das eleições municipais de 2020

Matheus Costa . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Stefanie Carlan da Silveira
Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Jornalismo de dados; Datificação; Mediação algorítmica;
Inteligência artificial; Jornalismo automatizado.

O jornalismo automatizado é o foco desta pesquisa, que busca compreender quais são os recursos tecnológicos, os produtos textuais e as relações entre os atores dentro de um projeto que emprega algoritmos para a produção de notícias. O conceito de jornalismo automatizado é abordado como um desdobramento do jornalismo de dados, visto que na prática ambas as áreas unem técnicas de apuração a linguagens de programação, processamento de bancos de dados, modelos estatísticos e a redação em formato de lide.

A fim de aproximar uma revisão teórica da observação empírica, emprega-se nesta pesquisa o estudo de caso da cobertura do portal *G1* nas eleições municipais de 2020¹. O veículo acompanhou o pleito em 5.568 municípios brasileiros em menos de 24 horas, nos dois turnos de votação. A cobertura foi descrita pelo portal como inédita e viabilizada “graças a um modelo de automação que se utiliza de Inteligência Artificial criado em conjunto com a área de Tecnologia da *Globo*”. O problema que a presente pesquisa busca responder é: como uma equipe multidisciplinar de

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/12/30/g1-publica-textos-sobre-posse-de-prefeitos-e-de-vereadores-em-cada-uma-das-cidades-do-brasil-com-auxilio-de-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em: 06 mar. 2021.

programadores, jornalistas e revisores colaborou para publicar mais de 5 mil notícias eleitorais em um único dia?

Iniciativas que envolvem recursos de análise de dados e Inteligência Artificial têm se tornado cada vez mais recorrentes ao longo da última década (CODDINGTON, 2014). O processamento de grandes volumes de dados para “delimitar a forma de uma história” (GRAY et al, 2014, p. 4) é um instrumento para a apuração jornalística. Os processos algorítmicos que convertem dados em narrativa jornalística (CARLSON, 2016, p. 226) utilizam “ação limitada da intervenção humana para além das escolhas iniciais de programação”. Outra característica própria da área é a transferência de autoridade da figura humana para um algoritmo, que passa a ocupar um território antes exclusivo do homem (BEAUJON, 2014).

O processo de produzir notícias a partir de um algoritmo se mostra como uma cooperação entre atores humanos e não-humanos, faz-se necessária tanto a descrição do funcionamento de ferramentas digitais, quanto das atividades executadas por jornalistas, programadores, revisores e etc. Para alcançar uma compreensão detalhada de um trabalho multidisciplinar, foi escolhida a Teoria Ator-Rede (TAR) como marco teórico para este estudo. Segundo Latour (2005, p. 72, tradução nossa)², “além de determinar e servir como pano de fundo para a ação humana, coisas podem autorizar, custear, encorajar, permitir, sugerir, influenciar, bloquear, tornar possível, proibir e assim por diante”.

Um dos fatores que tornam possível a prática do jornalismo automatizado é o emprego de *softwares* de Geração de Linguagem Natural (GLN) (DÖRR, 2015), tecnologias que geram textos em linguagem natural a partir de bancos de dados estruturados em uma velocidade de milhares de páginas por segundo. Idealmente, este tipo de *software* é capaz de retirar dados de uma base e preencher relatórios com espaços criados sob medida para exposição desses dados. O recurso da GLN foi empregado no projeto do G1 em conjunto à captação de dados públicos disponibilizados pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), segundo anúncio feito pelo portal³. Portanto, estudar esse caso permite à pesquisa identificar características do jornalismo automatizado a partir de uma experiência prática. ■

² In addition to 'determining' and 'serving' as a 'backdrop for human action', things might authorize, allow, afford, encourage, permit, suggest, influence, block, render possible, forbid, and so on (LATOUR, 2005, p. 72).

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2020/noticia/2020/11/12/em-iniciativa-inedita-g1-publica-textos-com-resultado-da-eleicao-em-cada-uma-das-5568-cidades-do-brasil-com-auxilio-de-inteligencia-artificial.ghtml>. Acesso em: 07 mar. 2021.

Referências

CARLSON, M. Automated journalism: A posthuman future for digital news? In: Franklin, B.; Eldridge, S. (eds). **The Routledge companion to digital journalism studies**. Routledge, 2019, p. 226-234.

CODDINGTON, M. Clarifying journalism's quantitative turn: A typology for evaluating data journalism, computational journalism, and computer-assisted reporting. **Digital journalism**, v. 3, n. 3, p. 331-348, 2015.

DIAKOPOULOS, N. **Automating the news**. Harvard University Press, 2019.

DÖRR, K. N. Mapping the field of algorithmic journalism. **Digital journalism**, 2015.

GRAY, J.; CHAMBERS, L.; BOUNEGRU, L. **The data journalism handbook: how journalists can use data to improve the news**. O'Reilly Media, Inc, 2012.

LATOUR, Bruno et al. **Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede**: EDUSC, 2005.

BEAUJON, A. L.A. Times reporter talks about his storywriting 'Quakebot'. **Poynter**, 17 mar. 2014. Disponível em: <https://www.poynter.org/reporting-editing/2014/1-a-times-reporter-talks-about-his-story-writing-quakebot>. Acesso em: 10 de mar. 2021.

A comunicação no centro da campanha eleitoral para Presidência da República em 2022

Renatha Giordani . Mestrado

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Locatelli
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Eleições 2022; Comunicação; Campanha Eleitoral; TSE.

Este trabalho apresenta resultados da pesquisa exploratória sobre as características dos processos apresentados por coligações e/ou candidaturas à presidência da república ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) no primeiro turno da eleição de 2022. Parte de uma perspectiva teórica que considera o ambiente propício à controvérsia e à judicialização da política (TATE; VALLINDER, 1995; MORAES; ANDION; PINHO, 2017), às estratégias de veto points dos candidatos (TAYLOR; DA ROS, 2008), ao papel “esclarecedor” do judiciário (MARCHETTI, 2008), em uma esfera pública em fase de metamorfose (MENDONÇA; AGGIO, 2021). Levantamento inicial indicou que a comunicação é o principal ponto das controvérsias que chegaram ao TSE (345 das 819 ações), sendo 202 relativas especificamente à Presidência da República.

A cartografia das categorias do próprio TSE sobre a totalidade desses processos revelou que eles questionam majoritariamente a propaganda política e a produção e propagação de notícias falsas,

requerendo retirada de conteúdo. A polarização política se refletiu nos tribunais. Juntos, Lula, Bolsonaro e suas coligações são parte de 85% dos processos. Afora candidatos e coligações, são citadas como co-réus empresas de comunicação tradicionais, especialmente *Jovem Pan* e *Rede Globo*; e plataformas digitais, com grande dispersão e sobreposição nos processos, especialmente Twitter, Facebook, Instagram, Tik Tok e Gettr.

Em geral, a acusação contra as organizações tradicionais (com canais de televisão, rádios e jornais) é a de ofender a honra de candidatos e contra as redes sociais de corroborar disseminação de conteúdos falsos. Em uma amostra de 48 casos, o TSE deferiu cerca de 42% dos pedidos, quase sempre por produção e disseminação de “notícia sabidamente falsa”. Mas o tempo entre o início da ação e a decisão judicial é longo. Apenas em 1% dos casos há solução no mesmo dia. Essa lacuna temporal da Justiça precisa ser futuramente investigada, pois pode provocar impactos significativos na campanha eleitoral, considerando a permanência dos conteúdos durante o tempo de decisão. ■

Referências

- MARCHETTI, V. Governança eleitoral: o modelo brasileiro de justiça eleitoral. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, 2008, p. 865-893. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582008000400003>. Acesso em: 06 nov. 2022.
- MENDONÇA, R. F.; AGGIO, C. O. As metamorfoses da esfera pública ou a nova mudança estrutural. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais 2021. **Anais Eletrônicos**. GT25 - Movimentos Sociais: Protesto e Participação. ANPOCS. Disponível em: <https://bit.ly/45CdKH9>. Acesso em: 10 de out. 2022.
- MORAES, R. L.; ANDION, C.; PINHO, J. L. Cartografia das controvérsias na arena pública da corrupção eleitoral no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 846-876, 2017.
- TATE, C. N. ; VALLINDER, T. **The global expansion of judicial power**. Nova Iorque: New York City University Press, 1997.
- TAYLOR, M. M.; DA ROS, L. Os partidos dentro e fora do poder: a judicialização como resultado contingente da estratégia política. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 51, n. 4, p. 825-864, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0011-52582008000400002>. Acesso em: 06 nov. 2022.

7 AUDIOVISUAL

A opinião na transmissão do desfile campeão
do Carnaval 2022 pela *Rádio Tupi* 96
■ **Anderson Luiz Condor Baltar**

Registros do cotidiano rural
na história do Fotorjornalismo 99
■ **Felipe Buzzi**

A escrita, a autoria e o Outro
em projetos fotorjornalísticos de longa duração 102
■ **Gustavo Paulo Zonta**

Fotorjornalismo e direitos humanos:
conexões e interseções 105
■ **Lauriano Benazzi**

Processos de subjetivação em comunidade:
a experiência com imagens jornalísticas 108
■ **Rafael Giovanni Venuto**

Amazônia Legal: o envolvimento da audiência
em telejornais do Norte e Nordeste 111
■ **William Castro Morais**

A opinião na transmissão do desfile campeão do Carnaval 2022 pela *Rádio Tupi*

Anderson Luiz Condor Baltar . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Valci Regina Mousquer Zuculoto

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Radiojornalismo; Semiótica; Jornalismo opinativo; Carnaval; Escolas de samba.

Um dos maiores eventos culturais do país, o desfile das escolas de samba do Rio de Janeiro completou 90 anos em 2022. A efeméride foi comemorada de uma forma inusitada: por consequência da pandemia da covid-19, pela primeira vez na história, as agremiações se apresentaram em uma época diferente da do Carnaval – no caso, no mês de abril.

Nascidas em meio às comunidades proletárias cariocas, as escolas, com o passar das décadas, tiveram seus desfiles transformados em um evento de massa, sendo amplamente coberto pela mídia brasileira e internacional. A cobertura de maior repercussão, sem dúvida, é a da televisão. A *Rede Globo* exhibe o desfile para todo o país e o distribui para outras tantas nações, obtendo números de audiência bastante significativos (acima de 15 pontos de média), sobretudo pelo fato de a transmissão ocorrer durante a madrugada.

Apesar do predomínio televisivo, o evento continua obtendo espaço no meio radiofônico, que o transmite desde 1951, quando a *Rádio Continental* realizou sua primeira cobertura (ZUCULOTO, 2012). Uma das emissoras de maior audiência do Rio de Janeiro, presente

na avenida desde 1960, a *Rádio Tupi* (96,5 FM), tem como um dos pontos altos de seu calendário a transmissão dos desfiles com uma equipe especializada.

Neste trabalho, iremos analisar, dentro da perspectiva da semiótica discursiva, como e o que a *Rádio Tupi* destacou em sua transmissão. Como objeto de estudo, escolhemos o desfile dos Acadêmicos do Grande Rio, que se sagraram campeões do Carnaval de 2022 com o enredo “Fala Majeté! Sete chaves de Exu”, que apresentou toda a mitologia que envolve o orixá. Ao realizar a transcrição da cobertura da *Tupi* percebemos que o espaço para o comentário foi predominante, perfazendo 37,7% do tempo total, com a narração em segundo (24,5%), seguidos do sobe som (14,2%) e da reportagem (9,9%). Desta forma, resolvemos nos deter na análise do que foi dito pelos comentaristas, com a consequente classificação em categorias.

A análise da transmissão segue o modelo da semiótica discursiva de Greimas aplicado por Emerim (2020) para a análise do telejornalismo, centrada “no estudo do texto considerando seus aspectos de produção, circulação e consumo, se preocupa em analisar as relações que se estabelecem entre a produção e a interpretação dos sentidos” (EMERIM, 2020, p. 36). Desta forma, mesmo cientes das diferenciações entre a televisão e o rádio, consideramos produtivo adotar este mesmo modelo.

Para estruturar a análise dentro do escopo teórico do jornalismo, seguimos os conceitos de Marques de Melo (2003) sobre jornalismo opinativo em que o autor identifica a “bifurcação que identificamos no bojo do relato jornalístico e que chamaremos, para utilizar as expressões correntes, de jornalismo informativo e jornalismo opinativo” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 64). Ele ainda afirma que foi no meio rádio que o comentário encontrou sua maior expressão no jornalismo brasileiro contemporâneo, com uma análise informal, em linguagem direta e coloquial. A partir da conceituação teórica, definimos três categorias de comentários: 1 – expectativa e contextualização; 2 – relatos do desfile; 3 – críticas conjunturais.

Como resultado, fica muito claro que a tônica das intervenções dos comentaristas foi concentrada no enredo apresentado e, sobretudo, nas implicações políticas, sociais e religiosas que ele trazia ao colocar na pauta pública o debate sobre a controvertida figura do orixá Exu. Na quantificação dos comentários, a descrição foi mais presente, seguida da crítica conjuntural e da contextualização. Como pudemos comprovar, a transmissão ra-

diofônica de um desfile de escolas de samba tem particularidades próprias e elas se expressam, sobretudo, pela sua capacidade de trazer um enfoque analítico e crítico, contextualizando a passagem das agremiações dentro da realidade social e política do país e ampliando o debate para muito além de questões que envolvem a competição entre as agremiações. ■

Referências

EMERIM, Cárlica. Uma proposta semiótica para analisar o texto telejornalístico. In: EMERIM, Cárlica. (org). **Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo: o jornalismo para telas**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo Opinitivo: Gêneos opinativos no jornalismo brasileiro**. 3. ed. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

RADIO TUPI. Desfile das Escolas de Samba do Grupo Especial. Rio de Janeiro: Youtube, 23 abril 2022. 1 vídeo (120 min). **YouTube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6gObphPpuwQ>. Acesso em: 15 jul. 2022.

ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. **No ar: a história da notícia de rádio no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2012.

Registros do cotidiano rural na história do Fotojornalismo

Felipe Buzzi . Mestrado

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti
Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:
Jornalismo; História; Memória; Cotidiano rural; Fotojornalismo.

Ao ser reconhecida como prática fundamental ao Jornalismo, ainda no século XX, a fotografia passa a ser um dos principais elementos de composição da notícia ao longo de um século desde sua origem. Inicialmente, o Fotojornalismo é adotado pela imprensa como uma espécie de registro visual único da verdade (SOUSA, 2004), perspectiva herdada pelo contexto positivista das modernas sociedades industriais durante as primeiras décadas do século passado. A partir de sua origem, uma série de revoluções políticas, sociais e tecnológicas vai influenciar os métodos de captação da imagem fotográfica nos veículos de comunicação, cristalizando ainda mais o fotojornalismo como linguagem essencial para a profissão.

Motivados pela perspectiva de registrar o acontecimento verdadeiro, fotógrafos foram enviados para todos os cantos do mundo com o interesse de produzir imagens que confirmassem fatos através do testemunho fotográfico. Começava a busca pelo “instante decisivo”, conceito de Henri Cartier-Bresson, feito em 1952, para atribuir ainda mais sentido à linguagem fotográfica daquele período. É ainda no século XX, no entanto, que o Fotojornalismo passa a questionar valores tradicionais do Jornalismo, ampliando novas perspectivas e assumin-

do papéis mais subjetivos e ativos na construção social da realidade (SOUSA, 2004). Tais questionamentos foram incorporados na prática e fundamentam características essenciais ao fotojornalismo contemporâneo. É quando, segundo Sousa (2004), legitima-se a ideia de criadores-fotógrafos, considerados como aqueles

que olham para si mesmos como participantes num jogo que há muito deixou de ser um mero jogo de espelhos, para desembocar no jogo bem mais elaborado e complexo dos mundos de signos e de códigos, de linguagem e de cultura, de ideologia e de mitos, de história e tradições, de contradições e convenções. (SOUSA, 2004, p. 10)

Ao quebrar com as fronteiras tradicionais do fotojornalismo positivista do início do século XX, o fotojornalismo passa a adotar novas técnicas e a incorporar na prática valores subjetivos na composição de imagens de valor-notícia. Quando assume suas próprias motivações e o papel que tem na construção do conhecimento, o repórter fotográfico passa a direcionar o olhar para o cotidiano da vida nas cidades e suas respectivas singularidades.

Partindo destes pressupostos históricos e ao adicionarmos, de forma genérica, que o jornalismo, enquanto forma de conhecimento, é um fenômeno inserido numa dinâmica social urbana e capitalista, reconhecida como “moderna sociedade industrial” (MEDINA, 1978), a pesquisa pretende responder aos seguintes problemas: em que momento histórico o fotojornalismo direcionou o olhar para o cotidiano?; de que forma o fotojornalismo interpretou o cotidiano?; afinal, onde está o cotidiano das vidas que habitam o cotidiano rural na história do fotojornalismo?

Para fundamentar a base teórica deste resumo, a fim de evitar abstrações acerca dos conceitos elaborados, utilizamos como método de pesquisa a análise sistemática de literatura, com o objetivo de pôr os questionamentos apresentados anteriormente em contato com as definições teóricas que circulam a temática (LAKATOS, MARCONI *apud* STUMPF, 2015). A estrutura da vida cotidiana, de Agnes Heller (2021), sustenta o referencial teórico da pesquisa ao definir que a vida cotidiana está no “centro” do acontecer histórico. Entende-se aqui que a perspectiva de Heller é essencial para elevar a esfera pública do cotidiano como material de interesse jornalístico, principalmente se considerarmos todos os movimentos que colocam o profissional como agente ativo no mundo da vida. ■

Referências

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 176 p.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: um produto à venda. 6.ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978. 192 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Chapecó: Grifos / Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004. 255 p.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica [p. 51-61] In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 8. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2015.

A escrita, a autoria e o Outro em projetos fotojornalísticos de longa duração

Gustavo Paulo Zonta . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Ritter Longhi

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Jornalismo; Fotojornalismo; Fotografia-expressão; World Press Photo; Projetos de longa duração.

Esta pesquisa tem como objeto de estudo a fotografia-expressão em narrativas fotojornalísticas de longa duração. O objetivo principal é compreender como os elementos constitutivos da fotografia-expressão – a escrita, a autoria e o Outro – articulam-se na construção de projetos de longo prazo no fotojornalismo. Nas últimas décadas, as imagens jornalísticas saíram da linearidade do papel para a hipertextualidade das telas de computadores e de dispositivos móveis como tablets e smartphones. Se antes o repórter fotográfico era responsável por produzir imagens, hoje seu papel é muito mais amplo. Isso gera um acúmulo de mais atividades para os profissionais, mas também uma participação maior no discurso dos produtos jornalísticos e uma liberdade maior de trabalho (HENN; SALLET, 2012).

Neste contexto, este estudo adota como objeto empírico os trabalhos fotojornalísticos premiados pelo *World Press Photo* na categoria *Long-Term Projects*. Desde 2015, a premiação reconhece anualmente os três melhores projetos de longo prazo realizados no campo do fotojornalismo. Esses trabalhos são analisados para discutir questões como a estética fotojornalística, a individualidade dos fotógrafos e a relação subjetiva estabelecida com os fotografados. Os procedimentos meto-

dológicos adotados na pesquisa são construídos com base nos estudos desenvolvidos por André Rouillé (2009) sobre o deslocamento da fotografia-documento para a fotografia-expressão.

A transição destes regimes visuais produz mudanças profundas nos procedimentos adotados, nas formas de produções fotográficas e nos seus usos, muito mais plurais. A possibilidade de trabalhar os elementos expressivos liberta a fotografia de automatismos visuais e permite a invenção de novas visibilidades. No campo do fotojornalismo, Persichetti (2012) explica que esse cenário exige uma nova postura dos repórteres-fotográficos. Esta perspectiva abre espaço para fotojornalistas construir narrativas visuais baseadas em coberturas de meses ou anos sobre uma mesma temática. Com esse recorte, a intenção deste estudo é identificar que outros sentidos se tornam visíveis quando a questão temporal, inerente à prática do jornalismo, se expande.

Essas produções se aproximam do que Rouillé (2009) define como reportagem dialógica. A principal característica da reportagem dialógica é a busca pelo apagamento da distância simbólica que separa o fotógrafo e o mundo. Assim, a concepção filosófica de que o verdadeiro teria de ser capturado à distância, na superfície das coisas, dá lugar à produção do verdadeiro de maneira coletiva, no contato com as pessoas. Nesse sentido, o fotojornalismo se aproxima do fotodocumentarismo (BAEZA, 2007). O tempo mais lento das produções permite o contexto, a profundidade, a reflexão e promove o encontro com os sujeitos fotografados.

Outros estudos já apontaram para um afastamento do fotojornalismo de seu papel puramente objetivo e indicial da representação dos acontecimentos e sujeitos em projetos fotográficos (BENIA; SCHNEIDER, 2019; GONÇALVES, 2009). Essas imagens buscam apresentar os eventos e personagens a partir de uma perspectiva diversa daquela tradicional do campo fotojornalístico, pautada em paradigmas como o flagrante, a imagem-choque e o instantâneo. Assim, abre-se espaço para o potencial expressivo na construção de imagens jornalísticas, a partir de novas visibilidades e uma escrita visual mais reflexiva. ■

Referências

BAEZA, P. **Por una función crítica de la fotografía de prensa**. 3ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2007. 180 p.

BENIA, R.; SCHNEIDER, G.. Absorto na Cena: o testemunho fotojornalístico para além do instante decisivo. In: XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém-PA: Intercom, 2019. Disponível em: <https://www.academia.edu/41690435>. Acesso em: 20 ago. 2021.

GONÇALVES, S. M. L. P. Por uma fotografia menor no jornalismo diário contemporâneo. **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 2, p. 1-17 maio/ago. 2009. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/393/364>. Acesso em: 28 jan. 2020.

HENN, R.; SALLET, B. Novas narrativas fotográficas no ciberjornalismo: o acontecimento no campo do sensível. **Revista Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 92-112, 2012. Disponível em: https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/1194. Acesso em: 15 jun. 2021.

PERSICHETTI, S. Morte anunciada? Não necessariamente! O fotojornalismo renasce nas agências fotográficas. **Líbero**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 93-100, jun, 2012. Disponível em: <https://static.casperlibero.edu.br/uploads/2014/05/8-Morte-anunciada.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2021.

ROUILLÉ, André. **A Fotografia entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009. 483 p.

Fotojornalismo e direitos humanos: conexões e interseções

Lauriano Benazzi . Doutorado

Orientador: Prof. Dr. Rogério Christofoletti
Linha de Pesquisa: Conhecimento e Profissão

Palavras-chave:
Fotojornalismo; Direitos humanos; Teorias do jornalismo.

Das primeiras vertentes da fotografia documental, na segunda metade do século 19, até a fotografia de imprensa do século 21, em diversos momentos, o fotojornalismo atuou com protagonismo social, gerando transformações no campo dos direitos humanos. Exemplos dessa correlação estão nos registros fotográficos de Lewis Hine, que impulsionaram mudanças nas leis norte-americanas contra o trabalho infantil; nas narrativas do *Farm Security Administration* (FSA) que se reverteram em subsídios contra a fome durante a grande depressão; na angustiante verve do foto-choque (SONTAG, 2004), que ao expor o sofrimento de judeus nos campos de concentração, auxiliou na validação de instrumentos como a Convenção de Genebra. Na Guerra Fria, imagens viscerais no Camboja e no Vietnã, com tênue linha que leva à poética dos flagrantes de Marc Riboud, com uma mulher dando uma flor para um soldado, comovendo a opinião pública, legado que esteve presente em outras lutas sociais como o *black power*. Nos 1970 e 1980, o espelho ocular se volta contra as ditaduras da América Latina, contra as opressões face ao fundamentalismo religioso no Oriente Médio. Nos anos 1990, as imagens cruas do Bang-Bang Club expuseram o apartheid e a fome no continente africano. Impulsionadas pelos prêmios interna-

cionais, também resultaram em mudanças sociais. Adentrando no século 20, a etnofotografia ganha novo fôlego com narrativas *longform* e com a força das lentes e o preto e branco latente de Sebastião Salgado.

Assim, com sincronicidade compassada entre fotojornalismo e direitos humanos, o primeiro registra, contando a história do presente, impulsionado de graus acima os avanços sociais. O objetivo da pesquisa é elencar tais interseções e imbricações, conexões que formam uma dupla *timeline*, com subdivisões em que se tem em uma via as três revoluções do fotojornalismo (SOUSA, 2002), e em outra as três gerações dos direitos humanos, trajeto estruturado em três grandes módulos:

- 1) **tempo passado**, de 1855, da cobertura da Guerra da Criméia, até o final de 2021, com sistematização das fotografias representadas em dezenas de publicações do cânone do fotojornalismo, tabulação que resultará na simbiose entre os direitos humanos em 166 anos de fotojornalismo. Como ferramental, a revisão documental e bibliográfica sistemática qualitativa, buscando-se o estado da arte sobre o tema;
- 2) **tempo presente**, com recorte centrado em 2022, correlacionando a quarta revolução do fotojornalismo (definição aqui nominada e pleiteada) com as gerações dos direitos humanos. Como empírico, fotografias publicadas nas capas de jornais diários impressos de grande circulação, oriundas de pautas que se conectam aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS). Como ferramental, a aplicação da análise de conteúdo;
- 3) **tempo futuro**, com interrogações ligadas à manutenção do escrutínio social entre a fotografia de imprensa e as novas ondas dos direitos humanos e fundamentais, estas associadas aos preceitos da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), discussão que abrange as mutações do fotojornalismo, reflexos dos novos desafios e distensões do Jornalismo. Como ferramental, entrevistas em profundidade e grupos de discussão enquanto técnicas de coleta.

Como pano de fundo teórico de tal profusão, nesse conjunto de três eras, a pesquisa incorpora as teorias do Jornalismo; retoma acepções teóricas sobre o fotojornalismo e sociedade (FREUND, 1983); e ruma para exponenciação que se conecta ao conceito de que os direitos humanos são resultados de construções diárias (SANTOS; CHAÚÍ, 2014). Para ancorar as acepções sobre o impacto do imagético, a abordagem terá viés fenomenológico (HEIDEGGER, 2005), entre outras conexões e transversalidades que perpassam pela filosofia, pela teoria crítica, pela sociologia, pela comunicação e pela psicologia social. Com tal complexidade e caráter sistêmico, o percurso metodológico tem como fio conectivo a pesquisa cartográfica (DELEUZE; GUATTARI, 2000), e como elemento agregador dos diversos ferramentais enunciados a aplicação da triangulação de métodos (MINAYO, 2005). ■

Referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: Capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2000.

FREUND, Gisèle. **La fotografia como documento social**. Barcelona: GG, 1983.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e o tempo**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MINAYO, Maria Cecília; ASSIS, Simone; SOUZA, Edmilsa (orgs.). **Avaliação por triangulação de métodos**. Salvador: Edufbra, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa; CHAUÍ, Marilena. **Direitos humanos, democracia e desenvolvimento**. São Paulo: Cortez, 2014.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2004.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

Processos de subjetivação em comunidade: a experiência com imagens jornalísticas

Rafael Giovani Venuto . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Flávia Garcia Guidotti

Coorientadora: Profa. Dra. Rita de Cássia Romeiro Paulino

Linha de Pesquisa: Cultura e Sociedade

Palavras-chave:

Imagens jornalísticas; Subjetivação; Experiência estética e dialética; Emoção; Comunidade.

As imagens não são meros objetos disponíveis ao olhar, mas experiência e acontecimento. Inspirado por tal perspectiva, objetivo refletir sobre a possibilidade do surgimento de diferentes subjetivações a partir da experiência estética e dialética com imagens jornalísticas.

Ao reconhecer com Didi-Huberman (2012, p. 209) que as imagens funcionam como “documento e como objeto de sonho, como obra e objeto de passagem, como monumento e objeto de montagem, como não saber e objeto de ciência” o presente estudo, de caráter teórico-exploratório, se lança especialmente a três pontos.

O primeiro deles se refere ao próprio modo como nos relacionamos estética e dialeticamente com as imagens, sejam elas jornalísticas ou não. Ao partir do pressuposto de que elas não são formas estereis e estáveis que gravitam no ar à espera de um leitor que decifre seus mistérios, mas um jogo afetivo entre aquele que olha e que, por sua vez, também é olhado pelo que vê (DIDI-HUBERMAN, 2010), procuro compreender de que modo o visual difere do visível, o que envolve considerar as figurabilidades que “rasgam”, via sintoma, a legibilidade

das próprias imagens, mas também reconhecer a emoção que participa daqueles processos.

Do mesmo modo, ao considerar que tal experiência é atravessada pela dimensão do tempo, também tensiono as dinâmicas que se acham imbricadas nesse atravessamento, o que implica abordar a própria noção de *imagem dialética* (BENJAMIN, 2006), mas também resvalar para discussões transversais, porém não menos importantes, como a *aura*, a *potência do negativo*, o *trabalho dos fantasmas*, o *funcionamento sintomático das imagens*, o *paradigma do sonho*, o *paradoxo do visível*, a *fórmula de páthos*, o *dinamograma* e a *sobrevivência das imagens*, em especial a partir de Didi-Huberman e sua leitura em torno de tais fenômenos e conceitos.

Quanto ao segundo ponto, a ideia é explorar as nuances envolvidas na noção de comunidade, a qual se desenrola segundo sua própria lógica, que é a própria comunidade, daí que seja inoperante (NANCY, 2016), já que não faz e não se “constitui” enquanto obra. Seu “funcionamento” se dá de modo desmobilizado para um fim, isso porque ela se “constitui” se constituindo e se desconstituindo a si mesma a todo instante, no próprio experimentar juntos, no expor-se *uns-aos-outros* e *uns-com-os-outros*.

Já o terceiro movimento de pesquisa se dedica à tentativa de compreensão da subjetivação e tudo o que ela demanda em termos de desidentificação e permanentes rearranjos do comum partilhado, visto que as desidentificações

produzem formas de emancipação que não se reduzem à autonomia individual, mas valorizam a produção de relações, cenas de enunciação e articulações entre forças e indivíduos desidentificados de suas designações outorgadas”. (MARQUES; MENDONÇA, 2018, p. 51)

Inspiradas metodologicamente pelo *Bilderatlas Mnemosyne* (WARBURG; WARNKE, 2000), as dez montagens previstas para o trabalho são um convite à fabulação e à imaginação, aspectos que tensiono especialmente a partir da filosofia da imagem, da fenomenologia e da estética, além do próprio jornalismo.

Tais montagens surgem como “sintoma” de fragmentos imagéticos das coberturas dos canais *Globo News* e *CNN* nos três primeiros dias de invasão russa à Ucrânia, em fevereiro de 2022, pedaços de vídeos onde os elementos e gestos visíveis são desmontados e remontados a partir de deslocamentos que visam ensejar diferentes leituras em relação àqueles corpos e suas histórias, razão pela qual também são colocadas em jogo imagens não vinculadas àquele acontecimento específico.

A hipótese é que o surgimento de diferentes subjetivações com imagens jornalísticas passa pela experiência de uma emoção – a emoção do *páthos*, ativa e criativa – que desestrutura e ressignifica o visível ao mesmo passo em que é desestruturada e ressignificada por ele, sintomaticamente.

Conquanto não se trate de traçar um trajeto linear, fixo, rígido, entre a experiência estética e dialética no contato com imagens jornalísticas e o surgimento de diferentes subjetivações, entender a possível inter-relação entre elas pode ser um dos caminhos possíveis – apenas um – para pensarmos sobre o poder que não vem apenas delas, mas que desliza pelos quiasmas (MERLEAU-PONTY, 2003) e intersecções – *com elas*. ■

Referências

- BENJAMIN, W. **Passagens**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/UFMG, 2006 [N 3, 1].
- DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. São Paulo: Editora 34, 2ª ed., 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. Quando as imagens tocam o real. **Pós**: Belo Horizonte, v. 2, n. 4, p. 204 -219, nov. 2012.
- MARQUES, Â. C. S.; MENDONÇA, R. F. A política como (des)construção de sujeitos: desencaixes e rearticulações identitárias em protestos multitudinários contemporâneos. **Galáxia**, n. 37, p. 41-54, 2018.
- MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- NANCY, J. **A comunidade inoperada**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.
- WARBURG, A. M; WARNKE, M. **Der bilderatlas mnemosyne**. Berlin: Akademie Verlag, 2000.

Amazônia Legal: o envolvimento da audiência em telejornais do Norte e Nordeste

William Castro Morais . Doutorado

Orientadora: Profa. Dra. Cárilda Emerim

Linha de Pesquisa: Tecnologias, Linguagens e Inovação

Palavras-chave:

Telejornalismo; Audiência; Amazônia Legal; Norte; Nordeste.

A audiência deixou de ser um mero receptor e passou a registrar situações inusitadas e flagrantes do dia a dia, em que os jornalistas não chegaram a tempo ou não tiveram acesso, e assim fortalecem sua presença nos telejornais, incentivando-a a ser agente ativo dos materiais jornalísticos. Pensando nisso, a tese a ser produzida no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo (PPGJOR), pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) busca analisar o *Jornal Anhanguera* 1ª Edição (Palmas/TO), o *Jornal Liberal* 1ª Edição (Belém/PA) e o *Jornal do Maranhão TV* 1ª Edição (São Luís/MA).

Com a observação dessas três realidades tão próximas territorialmente e, algumas vezes distintas nas suas relações com a audiência, surgiu a pergunta problema: quais estratégias as emissoras da *Rede Globo* utilizam para envolver a audiência na rotina jornalística e assim torná-la visível na programação de telejornais nas regiões Norte e Nordeste, que fazem parte da Amazônia Legal? Essa visibilidade da audiência pode manifestar uma nova configuração jornalística para os veículos de comunicação e estabelecer estratégias de fidelização desses processos na inserção dos cidadãos. Para o aprofundamento da observação será realizada a Análise da Materialidade Audiovisual,

metodologia desenvolvida no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual, da Universidade Federal de Juiz de Fora (CNPq/UFJF), com o propósito de compreender as especificidades na investigação dos critérios texto, som, imagem, tempo, edição, para transmitir a mensagem ao público.

Após essa contextualização, para auxiliar no capítulo da tese, pretende-se produzir um artigo com base no aporte teórico sobre os conceitos de audiência, participação, público e as relações com o jornalismo. Para a primeira abordagem, serão usados os pesquisadores Alves e Vizeu (2019), Mesquita (2014), Vizeu (2002), Becker (2016), Coutinho (2012; 2016; 2018), entre outros.

Para enriquecer a presente discussão, foi realizado um mapeamento inicial dos estudos sobre audiência no Brasil, a partir de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e dos três principais congressos de comunicação no país, promovidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR) e pela Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), nas edições dos últimos dez anos. Diante da amostra levantada, a investigação traz um panorama do termo audiência e as relações com o jornalismo ao longo dos anos iniciais e apresenta alguns tipos de audiência em um breve diálogo teórico. ■

Referências

ALVES, K. C.; VIZEU, A. E. Fontes ativas no telejornal: colaboração das audiências ativas no Brasil e Espanha. **Anais [...]** XXVIII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

BECKER, B. **Televisão e telejornalismo**: transições. Barueri: Estação das Letras e Cores, 2016.

COUTINHO, I. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora - MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, I. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: a análise da materialidade audiovisual como método possível. **Anais [...]** XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo/SP, 05 a 09 set. 2016. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

COUTINHO, I. Compreender a estrutura e experimentar o audiovisual: da dramaturgia do telejornalismo à análise da materialidade. In: EMERIM, C.; COUTINHO, I.; FINGER, C. (orgs.). **Epistemologias do telejornalismo brasileiro**. Coleção Jornalismo Audiovisual, v. 7. Florianópolis: Insular, 2018.

MESQUITA, G. **Intervenho, logo existo**: a audiência potente e as novas relações no jornalismo. Tese (Doutorado em Comunicação), Centro de Artes e Comunicação. Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2014.

VIZEU, A. **Telejornalismo, audiência e ética**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação (BOCC), Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2002. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/51430196/Vizeu-Alfredo-Telejornalismo-Audiencia-Etica>. Acesso em: 23 nov. 2020.

Caderno de
Resumos **2022**
ISSN 2526-1231

Data de publicação: 06 jun. 2023

Edições anteriores:

https://ppgjur.posgrad.ufsc.br/?page_id=2825





PPG
JOR

**Programa de Pós-Graduação
em Jornalismo**